



*boletim*

TEATRO  
DA UNIVERSIDADE  
TÉCNICA

1981 > 2011

Nº 1  
NOVEMBRO LISTOPAD  
2011

4

**editorial**  
JÚLIO MARTIM  
NUNO CORTEZ  
MANUEL VIEIRA

5

**historial  
do TUT**  
1981 > 2011

8

**programas dos  
espectáculos**  
1981 > 2011

10

**testemunhos  
30 anos**

- 10 TUT & COMPANHIA  
JORGE LISTOPAD
- 11 PARABÉNS  
PELOS 30 ANOS DO TUT  
NOS 80 DA UTL  
E NOS 90 DO JORGE  
EDUARDO ROMANO DE ARANTES  
E OLIVEIRA
- 13 A LOJA DE  
PATINAGEM  
JÚLIO MARTIM
- 14 A PROPÓSITO  
DOS 30 ANOS DO TUT  
J. LOPES DA SILVA
- 15 UM PERSONAGEM  
EM BUSCA DE AUTOR  
ANA NUNES
- 15 TIVE A GRANDE SORTE...  
BERNARDO GAMA
- 16 SABIAM QUE O PRIMEIRO AMOR  
É SEMPRE O PRÓXIMO?  
CARLOS J. PESSOA
- 17 30º ANIVERSÁRIO  
DO TEATRO DA  
UNIVERSIDADE TÉCNICA  
GISELA CANAMERO
- 17 ETERNO SEGISMUNDO  
GRAÇA CORREA
- 18 SAUDADES...  
JOÃO DE ALMEIDA
- 18 A ESTALAGEM MIRABOLANTE  
JOÃO NUNES
- 19 TUT - A DESCOBERTA CONTÍNUA  
JOSÉ FIGUEIREDO

- 20 AS MINHAS MEMÓRIAS DO T.U.T.  
MARIA DO CÉU RICARDO
- 20 FORAM POR CERTO  
BONS MOMENTOS...  
NUNO CARINHAS
- 21 CELEBRAÇÃO COLECTIVA  
NUNO CORTEZ
- 22 RECORDAR É FODIDO...  
NOTAS SOLTAS  
SOBRE A MEMÓRIA!  
JOSÉ PESTANA
- 22 TALVEZ O ACTOR NOS MOSTRE...  
ANA RITA CABRAL DE MATOS
- 23 ATOPIA  
MANUEL VIEIRA
- 24 A MINHA MEMÓRIA  
HELENA SIMÕES
- 25 A ARTEIRICE DO DRAMA  
CATARINA SEVERINO
- 25 TUT  
LÍDIA BRANCO
- 26 E MAIS UMA VEZ  
SURTIU A VIDA  
LUIS MESQUITA
- 26 TUT 30 ANOS  
MARGARIDA OLIVEIRA
- 26 ESTES GRUPOS  
QUE VAMOS MANTENDO  
NUNO AUGUSTO
- 27 RESPIRAR,  
EXTRAIR,  
PROCURAR...  
PEDRO PRAZERES
- 27 LISTOPAD,  
A VIDA CONTINUA  
A SER SONHO, NÃO É?  
PEDRO SOARES

*índice*

JORGE LISTOPAD

**ficha técnica do boletim** NOVEMBRO (LISTOPAD) 2011

**Edição** JÚLIO MARTIM DA FONSECA / MANUEL VIEIRA / NUNO CORTEZ

**design gráfico e paginação** PAULA CARDOSO (Cristóvão Colombo, 1987)

**Digitalização** ANA NUNES / JOÃO B. PIRES / PAULA ARAÚJO

**Logotipo da capa 30 anos** TUT ANDREIA PINTO / ANA RITA PIRES

**Fotografias** PEDRO SOARES / NUNO CORTEZ / NUNO TORRES / HELENA SIMÕES

**Recolha de testemunhos** JOÃO NUNES

IMPRESSÃO JORGEFERNANDES, LDA / 1300 EXEMPLARES ©TUT TEATRO DA UNIVERSIDADE TÉCNICA 2011

# editorial

JÚLIO MARTÍN  
NUNO CORTEZ  
MANUEL VIEIRA

O grupo de Teatro da Universidade Técnica (TUT) foi fundado em Outubro de 1981 pelo Prof. Jorge Listopad, a convite do então Reitor da Universidade Técnica de Lisboa (UTL), Prof. Eduardo Arantes e Oliveira, sendo actualmente dirigido pelo actor e encenador Júlio Martín da Fonseca.

Numa Universidade Técnica, talvez mais do que em qualquer outra, o teatro é uma necessidade, para que aquela cumpra a sua função de formação global dos estudantes, uma vez que proporciona um espaço de reflexão, de expressão artística e de estímulo à imaginação e à criatividade, complementares ao ensino das ciências e das técnicas.

Desta forma, o TUT tem cumprido um papel de formação cultural e humana, visando, para além da expressão dramática e do teatro, nas suas diversas vertentes práticas, uma educação mais vasta que, através do contacto com outras formas de expressão artística e cultural, oferece aos formandos a possibilidade de adquirirem um conjunto de instrumentos que lhes proporcionem uma leitura crítica e criativa da realidade sociocultural que os rodeia.

Actualmente, o TUT é uma associação de carácter cultural, pedagógico e científico que tem por objecto a promoção de acções de desenvolvimento do Ensino e da Arte, nas áreas das Competências Comunicacionais, Relacionais, Emocionais, do Teatro e Expressão Dramática e no âmbito da Produção Artística. O registo desta formalidade teve o contributo activo do falecido Prof. Fernando Ramôa Ribeiro.

Prosseguindo o trajecto iniciado há 30 anos, a actividade do TUT visa, quer a formação cultural e humana dos estudantes universitários, quer a formação técnica que normalmente resulta na apresentação de um espectáculo teatral. Esta abordagem permite ainda desenvolver competências nas áreas da comunicação, criatividade, inovação, iniciativa, trabalho em equipa e tomada de decisões, fundamentais para uma melhor integração no mercado de trabalho e para o sucesso profissional. Ao longo desse período, o TUT contribuiu para a formação de mais de 600 jovens que desempenham, actualmente, as mais variadas funções na sociedade, alguns mesmo em lugares de destaque a nível nacional e internacional.

Este caminho só tem sido possível graças ao apoio permanente e continuado da Reitoria da UTL e da Fundação Calouste Gulbenkian, sem esquecer também todo um conjunto de entidades e pessoas que nos têm apoiado pontualmente e possibilitado a apresentação regular dos espectáculos.

Como forma de celebrar estes 30 anos de actividade ininterrupta, iniciamos hoje a publicação deste "Boletim do TUT", retomando uma tradição editorial dos grupos de teatro universitário em Portugal, prevendo-se a saída de vários números ao longo deste ano de comemorações. Para estas edições temos vindo a reunir depoimentos de algumas das testemunhas deste percurso, recolhidos quer entre os elementos que fizeram ou fazem parte do grupo, quer entre profissionais que colaboraram na criação dos espectáculos apresentados, sendo de referir que os vários depoimentos serão distribuídos pelos diferentes números do Boletim, e intercalados com imagens que constituem a memória visual destes 30 anos.

É este o sentido de continuidade que queremos dar. A realização do presente como preparação do futuro e sustentado no passado. E tal como a Caravela da UTL, símbolo da união da técnica e da arte, queremos continuar a navegar neste mar universal que é o Teatro Universitário.

- 1 RAMÔA RIBEIRO  
(in Memoriam)
- 2 EDUARDO ARANTES  
E OLIVEIRA
- 3 JORGE LISTOPAD
- 4 JÚLIO MARTÍN
- 5 NUNO CORTEZ
- 6 MANUEL VIEIRA



# historial do TUT

1981 > 2011

1982

**À Espera dos Bárbaros**  
Dramatização de poema  
de Constantin Kavafy  
TEATRO DA TRINDADE

1983

**Everything and Nothing**  
Dramatização de texto de  
EL Hacedor de Jorge Luis Borges  
BIBLIOTECA DO INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO

**Anúncio feito a Maria**  
Figuração especial na peça homónima de  
Paul Claudel, apresentada pelo  
Teatro Nacional D. Maria II  
PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA

**Dramatização de alguns poemas**  
de Alberto Pimenta e Francisco Tenreiro,  
por ocasião do Doutoramento honoris causa  
do Doutor Azeredo Perdigão  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Participação no espectáculo de encerramento  
do I Congresso Nacional de Medicina Veterinária  
com um excerto da peça **La Locandiera**  
de Carlo Goldoni e **dramatização de poemas**  
de Francisco Tenreiro  
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA

1984

**Leónio e Lena na Estalagem  
de Mirandolina**  
Fusão de **Leone und Lena** de G. Büchner  
com **La Locandiera** de Carlo Goldoni  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

1985

**O Jardim das Delícias**  
Dramatização de poemas de amor de Ibne Azme  
205 ENCONTROS DE POESIA EM VILA VICOSA

**Orfeu Dizem Negro...**  
Dramatização de Poesia Africana de  
Expressão Portuguesa  
SALA POLIVALENTE  
SERVIÇO ACARTE - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

**Doce Inimigo**  
Segundo o conto **The Woman of Bath**  
dos Canterbury Tales de Chaucer  
HALLEY HALL - CENTRO COMERCIAL DAS AMOREIRAS  
Este espectáculo recebeu três prémios da Associação  
Portuguesa de Críticos de Teatro: Prémio Actor  
Revelação, Prémio Melhor Figurino e Prémio Especial  
pela Qualidade Absoluta

1986

**Doce Inimigo**  
Segundo o conto **The Woman of Bath**  
dos Canterbury Tales de Chaucer  
Participação na Bial Unversitária  
de Coimbra - BUC  
TEATRO GIL VICENTE

**Jardim das Delícias**  
Dramatização de poemas de amor de  
Ibne Azme  
PARTICIPAÇÃO NO III FESTIVAL DO TEATRO DE ALMADA

**Viagem ao Mundo do Teatro — Esta  
Noite Improvisa-se**  
Exercício teatral com base na experiência  
do grupo  
ISCTE - SEMANA CULTURAL DE RECEÇÃO  
AO NOVO ALUNO / INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO - 75º  
ANIVERSÁRIO DA AEIST

1987

**Sentimento de um Ocidental**  
Dramatização do poema homónimo  
de Cesário Verde  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

**De King-Kong a King**  
Excertos de **A Vida é Sonho**,  
de Calderón de La Barca. Apresentado  
por ocasião da tomada de posse  
do Reitor da Universidade Técnica de Lisboa  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

**Cristóvão Colombo**  
Segundo a peça homónima de  
M. Ghelderode  
NAVIOS "PONTA DELGADA" E "GIL EANES"  
CAIS DE ALCÂNTARA

1988

**Segismundo na Torre de Belém**  
Segundo **La Vida és Sueño** de  
Calderón de La Barca  
TORRE DE BELÉM

**Segismundo (A Vida é Sonho)**  
Segundo **La Vida és Sueño** de  
Calderón de La Barca.  
Participação no "Verão do Barroco"  
CRATO E MONCORVO

**As casas não acontecem, habitam-se!**  
Dramatização de um texto de Isabel Leonor  
Neto Salvado, 1º Prémio de texto do DN Jovem  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA



1990

**Portugal Três**  
Dramatização de textos de Camões, Almeida Garrett e Jorge de Sena  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

1991

**Marques & Companhia**  
Dramatização de textos de Kavafy, Kafka e Gabriel Garcia Marques  
"RENCONTRES DE THÉÂTRE ET JEUNESSE POUR L'EUROPE"  
GRENOBLE

1992

**Ivanov**  
Participação especial de alguns membros do TUT na gravação para a RTP da peça homónima de A. Tchekov  
R.L.E.

**Marques & Companhia II**  
Dramatização de textos de Kavafy, Kafka, Gabriel Garcia Marques, e J. Listopad  
FESTIVAL "ISTROPOLITANA PROJECT" - BRATISLAVA

1993

**Marques & Companhia II**  
Dramatização de textos de Kavafy, Kafka, Gabriel Garcia Marques, e J. Listopad  
PARTICIPAÇÃO NA BIENAL UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA - BUC  
TEATRO GIL VICENTE

**Para onde foram os pedreiros na noite em que ficou pronta a muralha da China**  
Dramatização de textos de Kavafy, Kafka, Gabriel Garcia Marques, e J. Listopad  
TEATRO DA MALAPOSTA  
PALÁCIO DA CERCA - X FESTIVAL DE ALMADA

1994

**O Teatro Ambulante Chopalovitch**  
(1. PARTE)  
Segundo a peça homónima de Lioubomir Simovitch  
JARDINS DA REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

**O Valente Soldado Schweik**  
Colaboração especial com a Companhia de Teatro de Almada. Peça a partir do romance homónimo de Jaroslav Hasek  
TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

1995

**A Detenção dos Actores do Teatro Ambulante Chopalovitch**  
Segundo a peça **O Teatro Ambulante de Chopalovitch** de Lioubomir Simovitch  
TEATRO CINEARTE  
Participação no festival de teatro XVII CITEMOR, em Montemor o Velho,  
TEATRO ESTHER DE CARVALHO

1996

**Lusofonias**  
Dramatização de Poesia de Expressão Portuguesa, sobre alguns poemas de Cesário Verde, Alexandre O'Neill, Ruy Belo e José Pedro Grabato Dias  
FOYER DO BLOCO PRINCIPAL DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

**A Detenção dos Actores do Teatro Ambulante Chopalovitch**  
Segundo a peça **O Teatro Ambulante de Chopalovitch** de Lioubomir Simovitch  
PARTICIPAÇÃO I MOSTRA DE TEATRO UNIVERSITÁRIO, EM PONTEVEDRA, GALIZA  
REPOSIÇÃO NO TEATRO CINEARTE

**A Arte e a Engenharia**  
Dramatização de Poemas de Álvaro de Campos  
INAUGURAÇÃO DO PAVILHÃO FERRY BORGES, NO ÂMBITO DO 500 ANIVERSÁRIO DO LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

1997

**Hotel Savoy**  
Colaboração especial com o Teatro da Garagem. Peça a partir do romance homónimo de Joseph Roth  
SALA POLIVALENTE DO ACARTE - FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

**A Ronda dos Meninos**  
A partir da obra **A Ronda dos Meninos Expostos** de Vasco Graça Moura com excertos de **Medeia** de Eurípides e **A Excepção e a Regra** de Bertolt Brecht.  
SALA DE CONVÍVIO DO LNEC - LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL  
CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS - LISBOA  
INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE - FARO  
PALÁCIO DE FRONTEIRA - LISBOA

1998

**A Ronda dos Meninos**  
TEATRO CINEARTE - A BARRACA  
PARTICIPAÇÃO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO XV FEIJA, EM ALMADA, NA SALA VIRGÍLIO MARTINHO DO TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

**A Porta da Lei**  
Apresentação do conto **A Porta da Lei** extraído da obra **O Processo de Kafka**, no âmbito do ciclo de conferências **100 Livros deste século**  
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

**Os burros no Teatro português**  
(1. PARTE)  
A partir da peça **D. Quixote e Sancho Pança** de António José da Silva dito **O Judeu**  
CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS

**Os burros no Teatro português**  
A partir de textos de António José da Silva, Anrique da Mota, Gil Vicente e Alexandre O'Neill  
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL  
BIBLIOTECA DO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA NO ÂMBITO DA SEMANA CULTURAL DO ISA  
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA

2001

**Gata Borracheira**  
Segundo a peça homónima de Robert Walser  
PEQUENO AUDITÓRIO DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, NO ÂMBITO DO 700 ANIVERSÁRIO DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
BIBLIOTECA DO EDIFÍCIO CENTRAL - INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA, LISBOA  
FESTIVAL "POETRY WITHOUT BORDERS" OLOMOUC, REPÚBLICA CHECA  
TEATRO CINEARTE - A BARRACA, LISBOA

2002

**Quem foi o Arquitecto da Torre de Babel?**  
A partir de textos de St-Exupéry, George Steiner e Jorge Listopad  
"XIV RENCONTRES DE THÉÂTRE ET JEUNESSE POUR L'EUROPE" - GRENOBLE - FRANÇA  
CENTRAL TEJO - MUSEU DA ELECTRICIDADE

**Histórias de ver e de andar**  
Apresentação de alguns contos do livro homónimo de Teolinda Gersão  
Lançamento do livro de contos de Teolinda Gersão  
FOYER DO TEATRO DA TRINDADE

2003

**Quem foi o Arquitecto da Torre de Babel?** - Excertos  
A partir de textos de St-Exupéry, George Steiner e Jorge Listopad  
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA

**Amor cinza perfeito**  
Leitura orientada de textos de Edel Atemkristall e de Ramiro Osório (Lançamento do livro **amor cinza perfeito**)  
SALA DE EXPOSIÇÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

**Hipólito e Fedra: 1º Assalto**  
A partir da tragédia grega **Hipólito** de Eurípides  
ESPACO TEATRO DA GARAGEM

2004

**Pierrot e Arlequim na Reitoria**  
A partir de **Pierrot e Arlequim** de Almada Negreiros  
REITORIA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

**O Príncipezinho, Pierrot e Arlequim**  
A partir de **Pierrot e Arlequim** de Almada Negreiros e de **O príncipezinho** de St-Exupéry  
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

**Deserto Habitado**  
A partir de textos de António Patrício, Almada Negreiros, St-Exupéry, Ramiro Osório, Dino Buzzati e Jorge Listopad  
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

2005

**Deserto Habitado**  
A partir de textos de António Patrício, Almada Negreiros, St-Exupéry, Ramiro Osório, Dino Buzzati e Jorge Listopad  
JARDIM DE INVERNO DO TEATRO MUNICIPAL S. LUIZ  
"XVII RENCONTRES DE THÉÂTRE ET JEUNESSE POUR L'EUROPE" GRENOBLE - FRANÇA

2006

**Só... no Quartier Latin**  
A partir do poema **Lusitânia no Bairro Latino** de António Nobre e de textos de Camões, Cesário Verde, Grabato Dias, O'Neill e Pessoa  
TEATRO DA TRINDADE  
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA  
TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO, NO MONTE DE ESTORIL  
CINE-TEATRO AVENIDA DE CASTELO BRANCO  
BIBLIOTECA MUNICIPAL EUGÉNIO DE ANDRADE, FIUNDAÇÃO  
TEATRO CINEARTE, A BARRACA

2007

**Tripto Salto**  
A partir de três contos do livro **Os Sete Mensageiros** de Dino Buzzati  
CENTRAL TEJO - MUSEU DA ELECTRICIDADE  
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

2008

**Os Cenci**  
Segundo a peça homónima de Antonin Artaud  
CABARET MAXIME

2009

**Os Cenci II**  
Segundo a peça homónima de Antonin Artaud  
TEATRO DO PALÁCIO BURNAY

2010

**Venenos Indispensáveis**  
A partir de textos de Jaime Salazar Sampaio  
4º ENCONTRO DE ESCOLAS NO TEATRO, NO CENTRO CULTURAL MALAPOSTA  
TEATRO DO PALÁCIO BURNAY, LISBOA  
TEATRO FLORBELA ESPANCA, VILA VICOSA

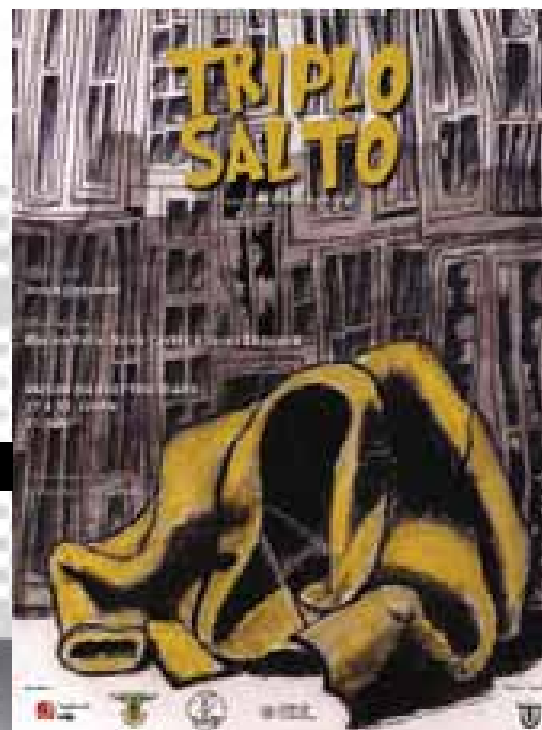
2011

**Comédia de Insectos**  
A partir do texto **Zo života hmyzu** de Josef e Karel Čapek  
CENTRO CULTURAL MALAPOSTA  
TEATRO DO PALÁCIO BURNAY, LISBOA

**Venenos Indispensáveis**  
A partir de textos de Jaime Salazar Sampaio  
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA, NO ÂMBITO DO ENCONTRO VERÃO NA TÉCNICA



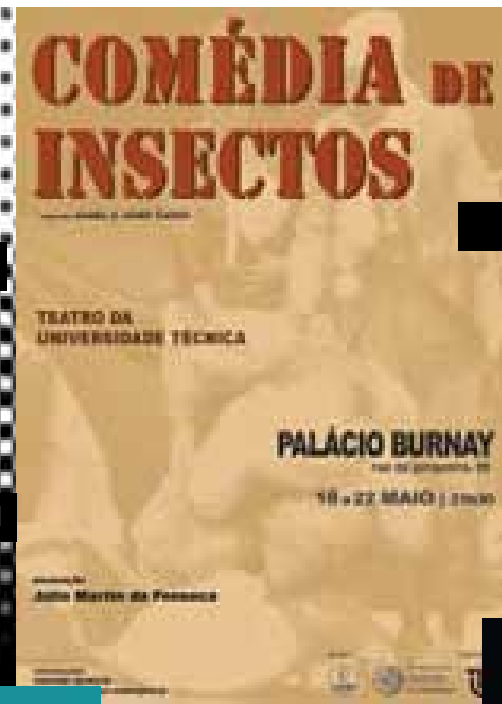
1997



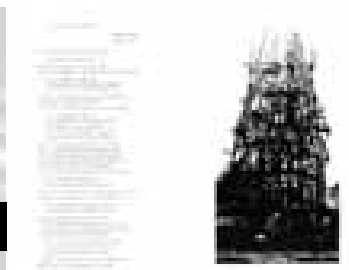
2007



1985



1982



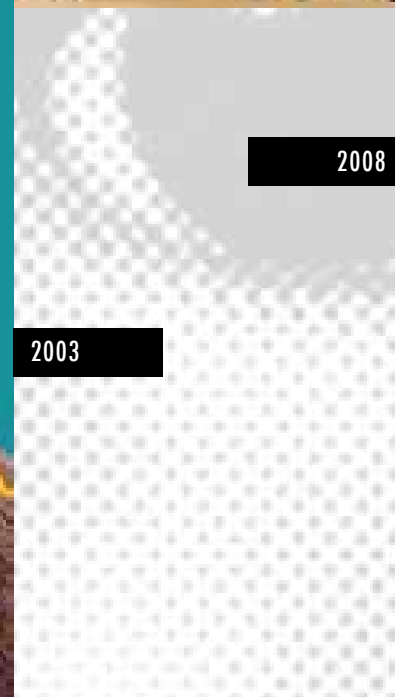
1988



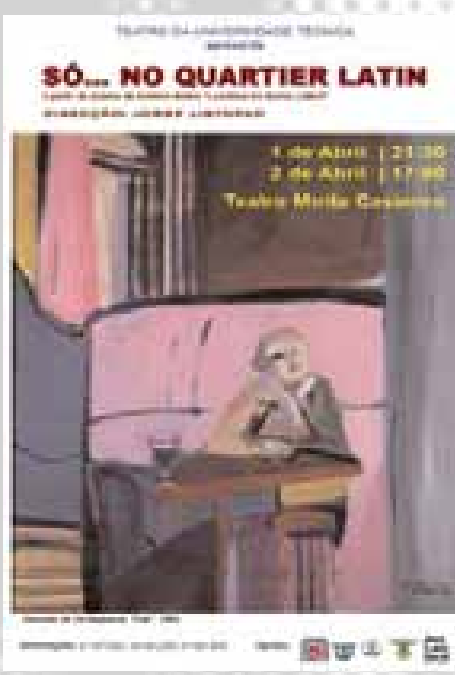
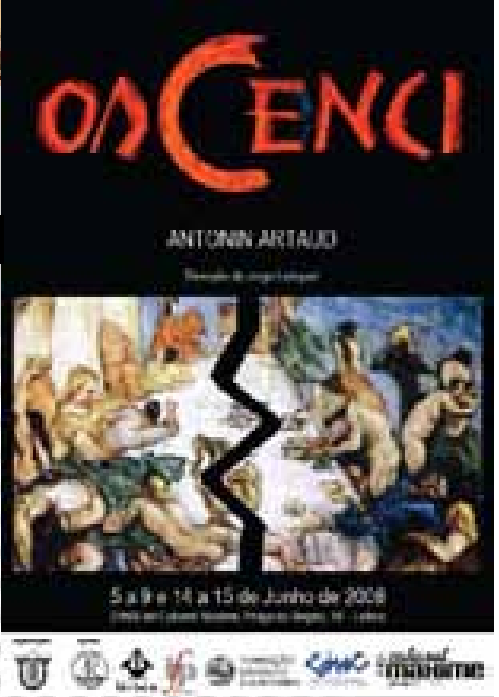
1984



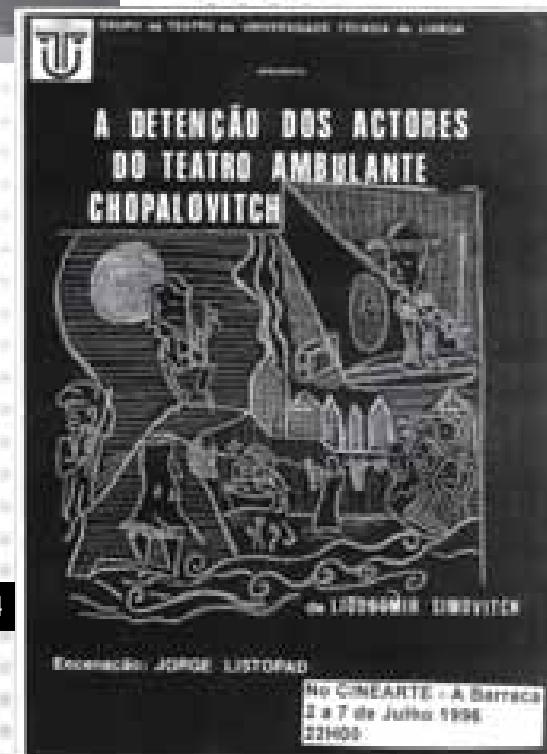
2003



2008



2006



1994



1990



1988



# testemunhos 30 anos

## TUT & COMPANHIA

JORGE LISTOPAD

Os dirigentes de hoje do Teatro da Universidade Técnica de Lisboa – TUT – pediram-me um texto para a festa que preparam; infelizmente não sou Herberto Helder, meu poeta amado, que recusa as encomendas. Neste caso, pelo contrário, gostava de ter tempo e espaço para uma ampla reflexão sobre um acto teatral que desde há trinta anos faz parte da cultura teatral portuguesa. O que posso é só contar.

O reitor da Universidade Técnica de Lisboa, o Professor Doutor Arantes e Oliveira, naquela longínqua época, propôs-me que tomasse conta da actividade teatral, dentro dos grupos culturais que estava a formar, a fim de equilibrar os estudos da sua universidade técnica, isto é, mitigar a técnica com a cultura indispensável. Quanto à ideia dos equilíbrios necessários ao homem moderno, jogou com intuição certa. Que me tenha escolhido a mim, que sejam os outros a julgarem segundo os resultados. Aceitei. Na época era Presidente da Escola Superior de Teatro e Cinema – ESTC – a introduzir ou a tentar introduzir um novo espírito de ver a arte teatral, talvez menos formal e mais aberta, mais experimental, quer pedagógica quer artisticamente. Porém, a ESCT, como parte do Ministério da Educação, a integrar as suas regras e seus códigos, implicava que vigiasse de perto a minha liberdade (ou libertinagem) nesse ensino artístico pós 25 de Abril, para não ultrapassar as fronteiras imaginárias do permitido. Ora aqui começou a aventura, pois, a partir daquele momento, no teatro universitário, podia criar outra escola, uma escola anti-escola, onde se experimentassem as ideias, os achados, os novos valores, para ver o que a alma e o corpo humano podiam ainda oferecer como dádiva ao artefacto, primeiro criado para nós próprios e depois, em consequência, para os outros. Fiquei feliz.

Começou então a história do TUT como ficção. Estranhamente e com rapidez inusitada a ficção tornou-se colectiva, das primeiras dezenas de alunos, depois dos que vieram a seguir e ainda depois por muitas pessoas que passavam, duas vezes por semana, por essa porta dita estreita, ou melhor, pelas várias portas da existência criativa. Já que falo de portas menos simbolicamente, também falo das mudanças que nos obrigaram a trocar de sítio, tal como trocamos as nossas amizades. Muitos esforços resultaram em vitórias e eventualmente em alguns enganos.

Assim começou e assim continuou. A distância entre nós como colectivo e a poesia era pequena. Transformávamo-nos à vista desarmada. Se nascia algo de novo teatro em Portugal, viveu sem a mínima obrigação, livre, apesar de todo o rigor das preparações.

Perguntar-se-ia: “o TUT envelheceu, não envelheceu?” O que me parece é que se continua a escrever o segundo volume da ficção onde todos são bem-vindos, num espaço sem fronteiras, enquanto a nova realidade do mundo se aproxima. Atenção.

1982

À Espera dos Bárbaros  
Dramatização de poema de Constantin Kavafy



JORGE LISTOPAD E  
EDUARDO ROMANO DE ARANTES E OLIVEIRA

## PARABÉNS PELOS 30 ANOS DO TUT NOS 80 DA UTL E NOS 90 DO JORGE

EDUARDO ROMANO DE ARANTES E OLIVEIRA

Em 1980, a Universidade Técnica de Lisboa-UTL, ainda traumatizada pelas perturbações da década de 70, comemorou o seu primeiro cinquentenário. O signatário, então Reitor, propôs-se aproveitar o ano jubilar para que a Instituição adquirisse um novo fôlego.

A UTL sempre sofrera de males estruturais. O mais saliente vinha da sua própria origem: olhavam-na uns como uma federação, outros como uma confederação. Mas sofria ainda de outro mal: da carência de uma cultura humanística capaz de fecundar a cultura essencialmente técnica que, como era natural, estivera na origem das suas escolas.

Não admira que o Reitor tivesse dificuldade em definir o seu próprio papel. Mas, paradoxalmente, foi a própria confusão então reinante que me ajudou a encontrar resposta para as perplexidades. Em terreno tão movediço, a Reitoria foi a rocha firme onde as diferentes Escolas vieram apoiar-se: serena no meio do caos, leal para com os seus interlocutores, independente das forças políticas em confronto, protectora dos perseguidos sem alhar às respectivas ideologias, manteve uma imagem de escrupulosa cumpridora da lei e de baluarte da ortodoxia universitária, à qual se manteve fiel a grande maioria dos docentes.

Quando, em Dezembro de 1977, tomei posse como Reitor (fora, desde 1974, vice-Reitor em exercício das funções de Reitor), a Sociedade portuguesa atingira, em democracia, um novo estado de equilíbrio. Tornou-se pois possível trabalhar para conseguir uma UTL mais de acordo com o seu projecto de sempre: descentralizada mas unida, ao serviço do País. Neste contexto, as comemorações do 50º aniversário constituíram uma oportunidade única para a animar e revelar à Sociedade.

Uma das inovações então introduzidas, e que muito beneficiaram a imagem externa da Universidade, consistiu em instalar a Reitoria com indispensável dignidade. Foi o próprio Ministro das Obras Públicas que me sugeriu propor ao Governo adquirir, para integração no património do Estado e posterior cedência à Universidade, um palácio do século XVII que pertencera a Rainha Dona Catarina de Bragança. A solução funcionou e, transposta para Coimbra, permitiu que, simultaneamente, a mais antiga Universidade portuguesa adquirisse o Palácio de S. Marcos.

No âmbito das comemorações, foi cometido aos Serviços Sociais da UTL o apoio logístico a grupos de carácter cultural (teatro, música e dança) sob a superior orientação de uma Comissão Cultural a que eu próprio presidia. O da dança ficou a depender da Escola mais adequada: a Faculdade da Motricidade Humana. O da música foi constituído a partir de um coro de excelente qualidade. O do teatro foi confiado a Jorge Listopad. Orgulho-me de a ideia de o convidar ter sido minha, sem ninguém me ter sugerido.

E assim, já em 1981, nasceu o TUT. Recordo como um primeiro amor a peça, “Leôncio e Lena na Estalagem de Mirandolina”.



Teve por cenário a nossa preciosa Reitoria. Com que entusiasmo vi o palácio, acabado de reabilitar, ser aproveitado para uma extraordinária encenação! Recordo os jovens actores dialogando uns com os outros, de umas para as outras das janelas da fachada tardoz do edifício, e os espectadores assistindo maravilhados, sentados em cadeiras dispostas no jardim.

As comemorações foram cuidadosamente concebidas para reforçar a coesão da instituição, e constituíram a grande oportunidade para iniciar uma nova fase da vida de uma Universidade onde, a pretexto do carácter eminentemente técnico, a dignidade e beleza do cerimonial académico costumavam ser consideradas como aspectos menores. Sem romper desnecessariamente com a tradição que lhe era própria, a UTL tornou-se, a partir do seu jubileu, a mais inovadora das universidades portuguesas. Os novos símbolos e actos académicos não faziam mais que traduzir um espírito novo. Neles se procurou interessar também os estudantes, muito especialmente através dos grupos culturais que, por essa altura, estavam em pleno desenvolvimento. Além de criador do TUT, Jorge Listopad tornou-se o consultor da Reitoria para a encenação das cerimónias mais solenes da UTL, como, anos mais tarde, o seria para as do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, quando deste fui Director.

O jubileu da UTL foi oportunidade para muitos outros acontecimentos, como a publicação do primeiro volume da História da UTL (da autoria de Veríssimo Serrão), a promoção de eventos como o Congresso "A Universidade Portuguesa nos Anos 80", a organização de exposições sobre "O Património da UTL" e "O Presente e o Futuro da UTL", o lançamento de novos cursos de licenciatura, dos primeiros cursos de mestrado, a instalação da Faculdade de Arquitectura, a constituição dos primeiros departamentos, a fundação do INESC, a celebração de importantes convénios, e a instalação da Reitoria nas novas instalações.

Pode dizer-se que foi a partir destas comemorações que a UTL se mobilizou em torno do seu projecto e que a sociedade portuguesa se convenceu de que, tendo finalmente ultrapassado a crise dos anos 70, a Universidade Técnica se transformara, enquanto instituição, numa das alavancas mais poderosas do desenvolvimento nacional.

Mas não posso esconder que, em toda essa renovação da UTL, a fundação do TUT teve para mim um especial significado. Ao contrário de muitas iniciativas que se lançam em Portugal, e que morrem passado algum tempo, teve um desenvolvimento sustentável.

Obrigado, Jorge!

E obrigado a todos os que se prontificaram para continuar a tua obra e me convidaram a colaborar nesta singela mas sentida homenagem!

1983

**Anúncio feito a Maria**  
Figuração especial na peça homónima de Paul Claudel, apresentada pelo Teatro Nacional D. Maria II



2011

**Comédia de Insectos**

A partir do texto "Ze Života hmyzu" de Josef e Karel Čapek



## A LOJA DE PATINAGEM

JÚLIO MARTÍN DA FONSECA

Começava a despedir-se de nós todos. Queria deixar tudo arrumado como ele gostava. Um pouco de ordem, um pouco de caos, um pouco de criatividade; os artigos, as pessoas, as contas, assegurar quem iria regar as plantas e dar até comida ao gato, que não tinha, mas talvez gostasse de não ter tido. Preparava uma viagem. Mais uma. E quando regressasse, gostaria de sentir que tinha chegado a casa. Mais uma. Tinha sido convidado por velhos amigos para ir treinar uma nova equipa no seu país natal. E é agora a altura de dizer, que falo do dono da loja, que também é professor de patinagem, e tinha nascido nesta vida, numa terra de neve. Lá sim, sabiam patinar, e isso vi eu com os meus próprios olhos, que o céu está a beijar; como a nós todos. Mas adiante. Quando ele abriu a loja, há uns anos atrás, eu fui logo um dos primeiros clientes. Não que tivesse sabido pela publicidade, nem porque fosse uma novidade, mas porque um feliz acaso tinha coincidido a abertura com a minha vontade de aprender a patinar. Era sem dúvida uma loja diferente das outras. Muita gente ao longo dos anos passou por lá, e todas elas trouxeram alguma coisa. Não que tivessem comprado, mas porque naquele lugar, não se vendia nada; trocava-se e aprendia-se. Havia no seu interior um espaço amplo, onde em alguns momentos, os que íamos sempre lá, nos sentíamos como irmãos unidos, e aprendíamos a patinar uns com os outros, sempre sob o olhar atento do nosso professor, que nos lançava em pensamentos, palavras, actos e emoções, ao encontro de insondáveis pistas de gelo, que percorríamos todos juntos. Sim, porque ele também aprendia connosco. Procurava algo que a sua loja ainda não tinha, nem nenhuma outra aliás, mas era isso que faltava, que a tornaria plena. Curioso é dizer que a loja mudou várias vezes de sítio, sobretudo nos últimos anos, mas isso de certo modo nunca importou, porque a loja foi sempre e é, o meu professor. Houve alturas em que alguns de nós pensaram que se podia dar à loja uma vertente mais profissional, outros acabaram por criar os seus próprios negócios, mas a loja continuou a ser sempre, aquilo que sempre foi. Um laboratório de patinagem. Aprendemos também a fazer figuras de gelo e casas de neve, e a derretê-las com o calor das nossas mãos. Aquilo a que dávamos início, dávamos o fim, por nossa livre vontade. Só assim era possível agarrar o ar, apertá-lo até ser água, e ao cair na terra gelada, dar-lhe uma forma bela, até derreter. Mas adiante. O meu professor, o dono da loja de patinagem, está de partida para outros projectos. Ao longo dos tempos, foi distribuindo objectos e valores pelos amigos, como quem antecipa heranças de um próximo testamento. Mil vezes repartido, por pequenos fractais. Os gregos diziam que a alma, era a memória poética. Mas ainda assim, adiante. Agora, quer doar a loja. E parece que pensa em mim como um dos possíveis herdeiros. Sou dos que gostam de patinar com ele, e habitar um ponto móvel de observação, onde criamos ou gostaríamos de criar, novos cristais de gelo. O que ele não sabe, ou talvez saiba, é que eu, apesar de ter aprendido a patinar bem, e conhecer a arte da neve, e ser até também agora professor, nunca foi isso o mais importante para mim. A herança principal que eu tenho vindo a receber, através de silêncios e de ausências, é de ver para além do gelo e da neve. É lá que verdadeiramente nos temos encontrado, onde podemos deslizar, como anjos com asas por dentro, para cima e para baixo, para dentro e para fora, com patins ou descalços, ou até parar e contemplar, que tudo afinal desliza em torno de nós. E o gelo faz-se quente, e a neve de mil cores. É aí a nossa verdadeira loja, com uma porta, mas sem endereço postal, como sempre foi e há-de ser. A outra, a visível, nunca será uma loja como as demais, porque honrará sempre a sua origem, celebrará cada momento e sonhará o seu porvir.

Assim, cada qual poderá ficar com a sua parte da herança frutuosa, e eu ficarei com a minha, que é una. E agora, devo pô-la a render, como se faz com os tesouros que nos são dados. Para que eu, o meu professor e todos nós, nos possamos encontrar sempre. Mais adiante.

2001

**Gata Borracheira**

Segunda a peça homónima de Robert Walser  
Olomouc, República Checa



## A PROPÓSITO DOS 30 ANOS DO TUT

J. LOPES DA SILVA

O ensino universitário só pode assumir esta designação se desenvolvido em ambiente de investigação e de conhecimento teórico do conhecimento, transmitindo aos estudantes uma formação científica sólida, mas não ignorando preocupações de cidadania e de cultura, pilares essenciais na formação de cidadãos de pleno direito.

Neste contexto, compete-lhe desenvolver nos formandos o espírito crítico e capacidades para empreender, pesquisar e inovar, habilitando-os a contribuírem para o avanço do saber e respectivas aplicações.

O teatro, como espaço significativo de estímulo à imaginação, de reflexão e de expressão, assume-se como uma componente complementar muito significativa do ensino das ciências e das técnicas e, desta forma, não podia deixar de estar incluído nas actividades de uma Universidade técnica. A criação do Grupo de Teatro da Universidade Técnica (TUT) em 1981, por decisão do Reitor, Professor Eduardo Arantes de Oliveira veio, portanto, integrar na UTL uma componente importante da sua função de formação. Como em todas as efemérides, ao comemorar o seu trigésimo aniversário, importa recordar o passado, olhar o presente e pensar no futuro.

O passado mostra-nos uma actividade intensa com a realização de um número significativo de espectáculos.

Foi nomeadamente o caso durante o período entre 1999 e 2006 que correspondeu aos meus mandatos de Reitor, em que, mau grado as dificuldades financeiras que me obrigaram a diminuir os apoios da Reitoria, o TUT montou onze peças cujas representações não se confinaram a espaços da Universidade mas, bem pelo contrário, a diversos palcos nacionais nomeadamente em Cascais, Fundão, Estoril e Lisboa e internacionais como foi o caso de Grenoble (XIV e XVII Encontre de Théâtre et Jeunesse pour l'Europe, 2005) e de Olomouc (República Checa).

Para além do número apreciável de peças montadas, importa assinalar os êxitos que estiveram associados a todos os espectáculos fruto do trabalho e da dedicação de todos os que integravam o TUT, mau grado as condições difíceis, sobretudo financeiras, que me impediram de conceder todos os apoios que me foram solicitados.

Sendo certo que se tratou de um trabalho de equipa, não posso destacar o papel desempenhado pelo Professor Jorge Listopad pela qualidade da sua intervenção como dramaturgo e encenador bem expressa nas obras que escreveu e dirigiu mas, também, pelo empenho que, como director, punha de forma a assegurar os meios necessários para levar por diante as suas ideias.

Olhar o presente não pode esquecer a figura de Jorge Listopad, não deixando de ter presente a sua obra como referência nas decisões a tomar.

1985

### Doce Inimigo

Segundo o conto "The Woman of Bath" dos Canterbury Tales de Chaucer

JOÃO VIEIRA  
(in Memoriam)



Congratulo-me, portanto, pelo facto de se aproveitar a comemoração dos 30 anos do TUT para lhe prestar merecida homenagem e a ela me associo. Relembrar Jorge Listopad e a sua obra é certamente o ponto de partida mais adequado para pensar o futuro.

Seguindo o seu exemplo, o TUT saberá escolher os melhores caminhos a seguir de forma a manter a excelência da prestação e a dignificar a Universidade em que se insere. Convicto que assim será, felicito o TUT pelo seu aniversário desejando-lhe os maiores êxitos para todas as iniciativas que vier a tomar.

## UM PERSONAGEM EM BUSCA DE AUTOR

ANA NUNES

Pedi-me para improvisar. Atrapalhada, tentei fazer algo que, no meu inocente e inexperiente entender, pudesse servir. Foi talvez a cena da minha vida em que mais pensei antes de agir.

Acabada de chegar à Capital, numa tentativa um pouco conturbada de seguir teatro, perdi-me com tudo o que Lisboa tinha para me oferecer. Museus, paisagens (até com os eléctricos me fascinei), pessoas. Estava a tirar a minha licenciatura em Sociologia na faculdade mas na minha cabeça estava continuamente a passar em nota de rodapé: teatro. Foi então que as forças do Universo conspiraram e me conduziram ao TUT (lá tiveram os seus meios). Recordo-me do primeiro dia no grupo, tão bem como o dia de amanhã. Uma estranha sensação de pertença, assustadoramente agradável. Ainda com o Professor Listopad, aprendi muito. Poderia escrever aqui, mas depois sairia algo distorcido que não corresponderia ao sentimento verdadeiro; e eu não quero enganar-vos. Muitas pessoas especiais que passaram por aqui, muitos ensinamentos. Citar nomes seria uma opção, mas hoje estou sensível, não me convém fazê-lo.

Júlio, Vieira, Nuno, João, Rui, Rita, Diogo, Mónica, João, António, Gonçalo, Margarida, Raquel, Paula, André, Zé, Alexandre, Magda, Ângela, Nuno, Margarida, Joana, André, Catarina, Sofia, Joana, André, Francisco, Lina, e tantos outros.

Aprendi que não devemos fazer sempre aquilo que nos convém, o que nos é confortável, porque é isso que é o teatro. Conhecermo-nos a nós próprios, aos outros, às relações que se estabelecem e que não se estabelecem.

Mais do que um conjunto de pessoas, são uma família; mostraram-me coisas que desconhecia, da vida, do teatro, da vida que é o teatro, do teatro que é a vida. Se hoje sou quem sou devo-o ao facto de ter passado (e continuar) pelo TUT e a todos os anjos que tive o prazer e a bênção de conhecer (entenda-se como a maneira mais literal de transcrever o que me vai na alma).

Não quero deixar de referir as experiências que tive nos Cenci (I e II), Venenos Indispensáveis e Comédia de Insectos. Os ensaios, as noites, o trabalho, a montagem de cena, a dedicação. Tudo. Maravilhoso. As nossas idas conjuntas ver peças ao teatro. Beber tudo o que via e ouvia. Embebedar-me de teatro.

E foi assim que aprendi (e ainda continuo a) improvisar.  
Pirandello, não é só esta noite. Sempre!

1998

Os burros no Teatro português  
Quixote e Sancho Pança de António José da Silva dito "O Judeu"



## TIVE A GRANDE SORTE...

BERNARDO GAMA

Tive a grande sorte que o destino cruzasse a minha vida com a do Professor Listopad e com o TUT; era uma tarde de verão de 2006 quando depois de um encontro improvável recebi o convite para ir a um dos ensaios do TUT, depois de conversarmos propôs-me que trabalhasse o movimento/coreografia na peça **Só...no quartier latin**.

Colaborar com o TUT foi uma grande aprendizagem, o professor Listopad com a sua sensibilidade ao detalhe, tornava visível o invisível e incutia naqueles actores um gosto visceral pela arte teatral ao dar-lhes a oportunidade de explorarem facetas muito diversas.

Bebi das suas palavras e aprendi a ouvir o silêncio e perceber o intangível. Dois anos mais tarde ainda tive a honra de colaborar na produção **Os Cenci** e mais uma vez deleitar-me com a sabedoria deste grande mestre.

Bem-haja!

2008

### Os Cenci

Segundo a peça homónima de Antonin Artaud



2011

Venenos Indispensáveis  
A partir de textos de Jaime Salazar Sampaio



## SABIAM QUE O PRIMEIRO AMOR É SEMPRE O PRÓXIMO?

CARLOS J. PESSOA

30 anos do TUT (Tutankhamon?... ) e 90 do Listopad (Akhenaton, o mais expressionista dos faraós?). Listopad ganha 3 a 1! O que conta não são as estatísticas ou, talvez, as estatísticas sejam um modo de tentar concretizar a gelatina, e toda a gente sabe que gelatina é gelatina, não é betão armado! A memória que resta será pois gelatinosa? Feita de considerações avulsas, tendo em linha de conta alterações químicas na composição habitual dos fluidos orgânicos dos oradores? Que resta afinal? Imagens a cores ou a preto e branco? Sons de música ou ruído? Histórias cujo final varia consoante o narrador? Eis a documentação incidental que poderá alimentar a imaginação de algum incauto historiador! Talvez, não mais do que isso.

Platão intuiu que a escrita mata a memória. Levi-Strauss, muito mais tarde, chegou a uma conclusão semelhante, embora sem o sorriso de Platão. A escrita é forma de poder que subordina, e pune, quem não obedece à letra da Lei. Ora a Lei, segundo Kafka, o do sorriso torturado, é um enorme tédio, uma espera inútil. Tornemo-nos, portanto, ilegais!

Tudo isto para chegar ao ponto crucial: a Liberdade. O que não pode, nem deve, constar dos registos, o que fica sempre de fora por permanecer, paradoxalmente, dentro do coração, ou da alma, se preferirem, de cada um. A Liberdade é o que conta na memória, é ela que catalisa, destrói, remói, faz e desfaz, mas continuando... Mantendo acesa a acção, o interesse, a convivialidade! Uma certa higiene mental e física, se quiserem...

Alguns definem Arte como um esforço de saúde então o TUT terá sido uma espécie de sanatório dedicado às jovens almas perturbadas nos anos 80? Em queixas, pouco reveladas, porque imaturas, assim tipo quando não se quer comer a sopa, porque não se gosta, ou tão só, porque dá jeito chatear a mãe? Será este "jeito", ou "jeitinho", uma coisa muito antiga de conflitar gerações e engendrar fissuras, mundos, imagens novas?

Ora, se TUT = Sanatório, Listopad = Senador?

Talvez senador, talvez... Médico poliglota! Curando com línguas, mortas e vivas! Talvez tudo ao mesmo tempo: **senador-médico-poliglota-curando-com-línguas-mortas-e-vivas.**

"Língua(s) de palma!", diriam alguns. Eu, não digo nada!

A Cultura, dos anos 80 para cá, perdeu estatuto e definição.

A Civilização, por arrasto, da Pescanova, companhia merecedora de toda a nossa consideração, é um medalhão de pescada sem pele e sem espinhas. E se tudo isto é triste, não é fado. É apenas uma coisa nova, uma coisa a que nos iremos habituar, como Segismundo, na Caverna, sonhando o Mundo. Precisamos disso, eu acho, Cavernas e Mundos!

Se o TUT foi o Mundo, em abertura, pueril e luminosa, o Listopad, foi guarda chuva de Inverno que impede a cegueira da Luz. "Nunca olhar directamente para o Sol! Reverenciemos Listopad Guarda Chuva!"

Assim mesmo, fora de estação, mas eficaz, *outsider*, marginalíssimo, *ma non troppo*...

Um texto não deve homenagear.

1987

**Cristóvão Colombo**

Segundo a peça homónima de M. Ghelderode com GONÇALO F. DE CARVALHO (in Memoriam)



A homenagem não se dirige ao homenageado mas a quem homenageia. É assim como encavalitar-se no cadáver alheio para espreitar o insondável. "Se é insondável", tenha muita saúde e vá à merda!"

Amigos, nós queremos viver, não é? Pois bem: nada de homenagens! Nem sequer memórias, só as de curto prazo! As de longo prazo tornam-nos calculistas, as de ontem tornam-nos apenas confiantes! Precisamos de confiança, não é? Como quem precisa de couves para fazer caldo verde! Confiança e couves! Parece-me adequado. Que vos parece?

Eu não sei do TUT, não me lembro!

Gosto dos pés nus do Listopad, aqui e agora, fazem-me lembrar um quadro do Caravaggio que, salvo erro, está na igreja de Santo Agostinho, em Roma (mas isto é só uma tosa tentativa de erudição dissimuladora: vejo os pés, quase os cheiro...) . Caravaggio foi, ao que se diz, o primeiro a mostrar os pés sujos dos santos.

"Sinto-me indignado, indignado!" como uma debutante a escolher o vestido de noite!

O Listopad lava os pés, obviamente, e não é santinho nenhum. Mas fica a dica, como um palpite para o próximo jogo, a próxima peça.

Sabiam que o primeiro amor, é sempre o próximo?

Claro que sabiam! Eu é que nunca sei.

Abraço forte.

## 30º ANIVERSÁRIO DO TEATRO DA UNIVERSIDADE TÉCNICA

GISELA CAÑAMERO

não, não me recordo de quem afinal me lançaria o repto de criar o clima musical para Leôncio e Lena na Estalagem de Mirandolina – a fusão de Leonce und Lena, de G. Büchner com La Locandiera de Carlo Goldoni, que Jorge Listopad encenaria nos jardins da Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa.

vagas recordações remetem-me para fragrâncias do jardim, noites amenas para os ensaios, recantos em claustro – e um ambiente de estranha calma, tendo em conta a juventude dos actores que principiavam a ser seduzidos pelas artes da cena, sem adivinharem porventura que deixariam, muitos deles, as cenas e os actos das ciências e das engenharias para segundo plano, na dramaturgia em que (já) teciam as suas vidas.

nessa altura – corria, ao que me dizem, o ano de 1984 – eu já optara, claramente, pelo teatro. dedicava os meus dias à exigência – física, psicológica e intelectual – da Rua dos Caetanos<sup>1</sup> – e as noites efabulando criações próprias, ou bem participando em produções de outros criadores.

no TUT, o meu desafio seria musical – sempre entendi a música no teatro, e é-me difícil pensar o teatro sem música. o entendimento do texto, no seu cruzamento e opção dramaturgic, e o rendilhado da encenação de Listopad sugeriram-me o canto de clarinetes em dueto – complementando, antecipando, amenizando as opções dramaturgic do encenador, aninhando ou acompanhando o registo das vozes dos jovens actores, que com tanta segurança eu via, com encantamento, apropriarem-se do texto.

mas isso pouco importa, agora, afinal, o tempo não é apenas escultor – referenciando Yourcenar. a sucessão dos anos e o exílio do percurso individual exercitamos o necessário distanciamento à vivência de respirações comuns, que nos permitem, finalmente, vislumbrar o essencial: no que permanece como verdadeiro, emergindo nas inevitáveis turbulências da mudança.

revele-se então:

- o raro perfil e capacidade de afirmação do Teatro naquela Universidade onde a denominação que parece contrária à efabulação – «Técnica»<sup>2</sup> – se materializa num percurso de referência em intervenções dinâmicas – reflexivas, construtivas, inquiridoras – com inferências pedagógicas, sociais, intelectuais e artísticas nos alunos e docentes envolvidos numa caminhada comum, inerente à preparação, montagem e apresentação pública de importantes textos literários – «dramáticos» ou outros;

- a capacidade ramificadora do TUT, que, enquanto nicho criativo e aglutinador de vontades e de talentos, acaba tantas vezes por transpor as fronteiras académicas, contribuindo também e mais além, para a formação de actantes criativos e críticos nas artes cénicas em Portugal.

## ETERNO SEGISMUNDO

GRAÇA CORREA



CARLOS J. PESSOA E JORGE LISTOPAD

Quando hoje recordo a experiência de ter trabalhado na produção de teatro do **Segismundo na Torre de Belém** em 1988, as imagens surgem-me vividas como se de há pouco tempo se tratasse: um homem a dormir, envolto em vestes douradas, dentro de uma vitrine/aquário (o Segismundo/Júlio Martín); um homem de manto azul aveludado (o rei Basílio/Artur Pestana) em pose solene e segurando na mão uma tartaruga (a rainha Clorilene), como se a estivesse a dissecar; uma mulher (espectadora errante) a atirar-se para o meio da cena durante o despertar do príncipe, e a gritar: "eu preciso que me ajudem, eu preciso que me ajudem". Estas são apenas três imagens, das muitas que retive, de um processo fascinante de criação do TUT, conduzido pelo Jorge Listopad.

Do processo de trabalho artístico lembro-me de assistir a muitas improvisações dos actores (as primeiras ainda no espaço do TUT no Campo de Santana), e às longas reflexões filosóficas do Listopad, sobre isto, aquilo e tudo o mais. Era um universo em que se misturavam ecos do subconsciente com factos reais, em que se evocavam pinturas, poesias, filmes, sensações e desejos individuais.

Do processo de trabalho de produção lembro-me da intensa dinâmica sempre bem-humorada da nossa equipa (que integrou, além de mim, o António Fontinha e a Céu Ricardo), de um enorme cronograma que desenhei (e que figura no programa do espectáculo, com as minhas mãos sobre ele) e das imensas tarefas que nos foram propostas pelo Listopad, todas elas bem sucedidas. Entre elas a organização de um ciclo de debates sobre o Barraco, com vista a contextualizar a peça do Calderón de la Barca, que se desenrolou ao longo de vários dias nas salas mágicas de pedra da Torre de Belém com a participação de muitos artistas e pensadores.

É claro que a tarefa mais exarcatante de produção foi a de escrevermos, à mão e com a nossa própria letra, cerca de 700 convites individualizados em diferentes postais turísticos da Torre de Belém – ideia absolutamente extravagante do Listopad mas que eu pessoalmente achei encantadora. Pode-se dizer (à posteriori, claro, quando já não nos doem as mãos) que foi uma experiência manual-individual muito ajustada ao espírito barroco da peça. "Moldar a pedra".

Muitos anos passaram – ou talvez poucos, tudo depende afinal da nossa consciência subjectiva do tempo – e ainda tanto persiste para mim desta experiência. Trabalhei entretanto, em encenações minhas, com vários actores do TUT; ganhei um amigo imensamente singular e constante; adoptei a tartaruga Clorilene que ainda hoje se passeia enorme e saudável no meu jardim; continuei a persistir na febre criativa de um teatro com raízes filosóficas e políticas.

Mas para provar que o tempo pouco ou nada passou, posso asseverar que quando há dias encontrei o Listopad na Ler Devagar, ele ainda me chamou de "minina".

1988

**Segismundo na Torre de Belém**  
Segundo *La Vida es Sueño* de Calderón de la Barca

<sup>1</sup> na Escola Superior de Teatro e Cinema do Conservatório Nacional de Lisboa.

<sup>2</sup> e como é estranho, passados mais de trinta anos de Abril, que o Teatro não tenha ganho mais fôlego e pujança em muitas outras Universidades do país!





## SAUDADES... JOÃO DE ALMEIDA

Quando penso em Segismundo vem-me a lembrança um hino à beleza associada à simplicidade não só pelas condicionantes técnicas, que eram muitas, mas também pelos intervenientes que apesar de enormes colocaram a sua simplicidade para fazer crescer um grande espectáculo. Vem-me também à lembrança o espírito de grupo mas, e desculpem-me todos os outros intervenientes, a imagem mais presente é o sorriso de um PAI que contornando as dificuldades colocou mais uma vez todas as suas qualidades Artísticas e Humanas para fazer crescer mais um projecto e mais uma paixão -a minha- pela arte de iluminar. Acho que posso afirmar que nesse ano de 1988 foi para todos um privilégio privar com o professor Listopad, mas também com Luís de Almeida, alguém que colocava a Arte, a Humildade, o Prazer, a Paixão, a Simpatia e o Respeito em tudo o que fazia. Saudade dessa data tão próxima do dia em que a vida levou prematuramente Luís de Almeida, um Pai, uma Referência e um Amigo.

### Obrigado PAI

## A ESTALAGEM MIRABOLANTE<sup>1</sup> JOÃO NUNES<sup>2</sup>

Ainda ontem estávamos ansiosos e cheios de expectativa no Palácio Centeno, onde aconteceu o primeiro encontro do embrião do Teatro da Universidade Técnica; hoje estou aos 53 anos a escrever pela primeira vez (o meu trabalho sempre foi de actor) um texto sobre os trinta anos do grupo.

O Professor Jorge Listopad, encenador muito conhecido da cena teatral, tinha sido o meu ídolo de múltiplas encenações que fez para televisão, quando a RTP produzia peças de teatro. Ele e o brilhante reitor Arantes de Oliveira foram os artesãos do nascimento do TUT, e o Listopad foi a trave mestra ao longo deste percurso recheado de espectáculos mágicos e "óvnis", como foi apelidado um espectáculo por um crítico, em múltiplos espaços: palácios, igrejas, cisternas, centro comercial de Amoreiras, a garbosa torre de Belém e o inesquecível "Gil Eanes" navio-hospital da faina do bacalhau, não esquecendo os múltiplos teatros gentilmente cedidos, tendo o Reitor Arantes de Oliveira sempre nos dado um apoio incondicional e precioso ao longo dos anos que esteve à frente da reitoria da UTL.

O início foi muito mais do que o esperado, um grupo enorme, todos "pitinhos", verdes no ofício do palco e da vida. A actriz Clara Joana foi de uma entrega e profissionalismo incedíveis, no ensino de tudo o que respeitava a voz e o corpo, matérias de que nós não sabíamos: respirar, andar, articular, projectar, entre variadíssimas outras aprendizagens, tornaram-se a rotina da 1ª hora das segundas e quintas; curiosamente ainda hoje os dias em que o grupo se reúne. Com a Clara fomos voando e ganhando segurança, na respiração em três tempos, a soletrar o "Spa" e a articular as palavras, a dicção era o seu "ai-jesus" e nunca houve um espectáculo dos vários que a Clara acompanhou em que fosse permitida um erro. A sua exigência e postura levou-nos a todos a atingir níveis que nos permitiram tecnicamente em textos bem difíceis como o "Jardim das Delícias" (Poesia árabe) ou o "Orfeu dizem Negro" (Poesia africana) darmos boa conta do recado; todos os que trabalhamos com a professora Clara Joana incorporamos um modo de estar no qual falar e respirar nunca mais foi a mesma coisa, o que veio a manifestar-se em todas as actividades profissionais dos elementos do grupo. Um sincero obrigado, por tudo o que deu a este grupo inicial.

O Professor Listopad era o maestro, não só nos levando à descoberta do mundo como do "eu" mais profundo de cada um. Todo o tempo das 19h30 até as 21h voava, cavalgávamos improvisos nunca vistos, mergulhávamos em ilusões e situações nunca vividas e dávamos tudo e recebíamos em troca lições de sapiência e de vida que nos faziam crescer como actores e nos tornavam pessoas melhores.

Tudo era um ritual, como uma missa pagã, a Clara fazia-nos quebrar com o dia vivido até aí, pondo o corpo a trabalhar, os músculos a funcionarem, dando-nos consciência do nosso corpo como um todo, feito de movimento, voz, equilíbrio, e ficávamos despertos e disponíveis para a concentração, a magia, o frenesim e por vezes a loucura de alguns exercícios levados ao limite sob o olhar atento do maestro/mago Listopad, que veio de terras geladas e que adoptou o nosso sol e país por opção.

Vá-se lá saber porquê, fizemos finca-pé e não nos dissolvemos naturalmente com a entrada de elementos novos, mantivemo-nos à produzir espectáculos quase toda a década de oitenta, com críticas em todos os jornais elogiando a qualidade artística e técnica dos mesmos, pois ainda se fazia crítica teatral neste país: todos os jornais tinham os seus críticos, como o Fernando Midões, Eugénia Vasques, Tito Lívio e tantos outros. Foram os loucos anos oitenta, que decorreram dentro do grupo e cá fora, numa Lisboa que finalmente acordava e se tornava mais cosmopolita; depois o turbilhão da vida foi-nos engolindo, mas o TUT foi-se mantendo, feito de muitos outros rostos e vontades.

Acabei por estar ligado até hoje, pois, quando a Clara Joana deixou o grupo, trabalhei voz e corpo com vários elementos novos, dando o meu melhor, para passar conhecimentos totalmente aprendidos com ela.

Voltei a ter um gozo imenso ao pisar o palco na peça que assinalou os 20 anos do Grupo, depois de treze anos sem representar, fazendo o príncipe da "Gata Borradeira", do Robert Walser, com 42 anos, com uma deliciosa gata de 21 anos. Só uma pessoa de excepção como o Jorge Listopad me podia ter convencido, pois, retorquindo aos meus receios da idade, disse: "Minino, no teatro tudo é possível, vai correr tudo bem, só tem de perder uns quilos." E acho que correu, e foi um gozo enorme fazer aquele papel.

Voltei a ter um encontro mais recente com o palco em 2007 no bellissimo espaço do Museu da Electricidade no espectáculo "Triplo Salto". Foi a melhor oferta que tive do Listopad: até aí sempre tendo feito papéis principais com imenso texto e contracena, poder fazer um papel de suporte em que se tem de ter presença mas sobretudo fazer os outros brilharem, e sustentar cenas, foi algo fantástico, deu-me toda uma outra dimensão e gozo pessoal até aí não alcançado, e pude ficar em paz com o "Mestre" pois, como com todas as pessoas geniais e fora do comum, ou se gosta ou se detesta, nunca se pode ficar indiferente.

Sendo eu um impulsivo, oscilei entre os dois sentimentos, tendo por isso estado presente por longos períodos e ausente noutros, mas apesar disso existiu sempre a certeza de que o "Mestre", como o reconhecíamos, foi a pessoa mais importante na minha formação intelectual, humana e cultural pelo que sempre lhe fui e serei grato, pois, sem os nossos caminhos se terem cruzado, eu não seria certamente a mesma pessoa.

Parafraseando o anúncio, teria vivido, mas seria uma outra vida bem diferente. Viva o TUT!

### Que venham as Bodas de Ouro!

<sup>1</sup> Não existe amor como o primeiro: "Leônício e Lena na Estalagem de Mirandolina". Luminoso Pedro Paiva, contínuas entre nós.

<sup>2</sup> Elemento do grupo inicial de 81/82

## TUT - A DESCOBERTA CONTÍNUA

JOSÉ FIGUEIREDO

Os primeiros encontros foram na Reitoria da Universidade Técnica, no Campo Mártires da Pátria. Roupas confortáveis, grupo de debutantes iniciáticos provenientes de Agronomia, Veterinária, Belas Artes, Arquitectura, Iscsp, sei lá que mais... todos a fazerem exercícios esquisitos disciplinados pela Clara Joana coadjuvada principalmente pelo Júlio e o João. Que estranhos, aqueles movimentos e posições ridículas, ter a noção do corpo, desenvolver a concentração, o equilíbrio, a descontração, seguidos de gritos de SPAS libertadores, a articulação, a respiração lenta e controlada (bolas afinal respiramos!- que grande novidade)... a projecção e colocação da voz contra aquelas paredes de mármore rosa da capelinha da reitoria agora transformada num espaço de liberdade criativa onde tudo é permitido e não há crítica, onde os colegas de repente são soldados, marinheiros, pobres ricos, bispos, mulheres, animais, altos, baixos, gordos, novos e velhos e bem pelo contrário. Podeser tudo, tudo é possível e o Paulo, o João e a Manuela são ao mesmo tempo alguém diferente a nosso lado que chora, grita e ri connosco e acabada a cena são novamente só o Paulo o João e a Manuela.

Esta intimidade, esta disponibilidade, aceitação do outro, a partilha dos afetos e das emoções, estas vivências comuns geram um relacionamento, uma coesão e solidariedade únicas e extraordinárias manifestadas nas magníficas sardinhas comuns nas tascas do Bairro Alto (onde estais, onde estais?!), nos namoros da época e nas amizades que perduram até hoje independentemente das carreiras...

Esta foi a Primeira Grande Descoberta.

Jorge Listopad encenava. Mostrou-nos como as palavras existem e têm cor, são aquelas e não outras e cabe a nós- intérpretes, ou intérpretes como diria o encenador- dar-lhes vida e a forma que o autor pretendia. A análise e reflexão sobre textos teatrais e a procura do carácter do personagem (um texto é como um queijo suíço, tem buracos, vazios, que é preciso descobrir para dar toda a dimensão do personagem, dizia ainda) foram outras novidades. Este espaço de enriquecimento cultural e conhecimento de novos autores e personagens, esta formação de cultura dramática, história, antropologia e literatura a par da formação académica da faculdade foram um prazer tão grande e que me permitiram ao longo do percurso com Listopad conhecer e (mais!) tornar-me íntimo de Cesário Verde, Calderon, de Colombo e Montezuma, de Kavafis a António Nobre, e me permitiu ser soldado e general, ser rei e ser operário, ser mensageiro e ser bandido.

Esta foi a Segunda Grande Descoberta.

Um dia, tudo o que habitualmente fazíamos nas sessões dos ensaios com (principalmente) o Sentimento de Um Ocidental foi diferente... havia Público... esquisito!!! gente nas cadeiras, cachecóis vermelhos, caras, sussurros, movimentos, tossidelas, calor e movimento que emanam da plateia, caracas, isto está cheio de gente, tenho que fazer isto agora (e já!!-é a minha vez, tenho que dizer... está tudo suspenso da minha intervenção, agora tem que ser é a minha deixa... ok aí vai...tenho que ter atenção à voz, à dicção, ao andar não me deixar contagiar por esse frenesim do público)... aí vai ele na marcação... "O céu parece baixo e de neblina...o gás extravasado, etc). Uffff, que alívio...foi tudo bem. O Público foi para mim a Terceira Grande Descoberta.

Sorte a minha que desde então, com mais ou menos interrupções, me foi permitido remontar repetidamente estes processos e apesar destas descobertas não descobri ainda nada e é sempre um novo começo, uma nova maneira, um novo nervosismo, uma nova aventura, uma nova e contínua descoberta.

Obrigado TUT.  
Obrigado Listopad.



1985

O Jardim das Delícias  
Dramatização de poemas de amor de Ibne Azme



2006

Só... no Quartier Latin  
A partir do poema "Lusitânia no Bairro Latino" de António Nobre e de textos de Camões, Cesário Verde, Grabato Dias, O'Neill e Fernando Pessoa



## AS MINHAS MEMÓRIAS DO T.U.T.

MARIA DO CÉU RICARDO

A primeira vez que assisti a uma representação do Grupo de Teatro da Universidade Técnica de Lisboa (TUT) foi em 1984 com a peça Leão e Lena na Estalagem de Mirandolina, uma fusão de Leão e Lena, de Büchner, com A Estalajadeira, de Goldoni. O que mais me impressionou, além do profissionalismo de um grupo amador, foi a novidade do espaço cénico – o fantástico aproveitamento dos jardins do palacete onde funcionava a Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa. Um dos muitos trabalhos admiráveis do encenador Jorge Listopad, que acompanha o grupo desde a sua fundação. Guardei, até hoje, o programa do espectáculo com a respectiva mola de roupa que lhe segurava as folhas.

Foi por essa altura que entrei para o Conservatório, que passaria a Escola Superior de Teatro e Cinema sob a direcção do Professor Jorge Listopad. Recordo essa transição chamada "Ano Zero": um grupo de professores com outro de alunos, no qual me incluía, evitaram que a Escola fechasse. Já no final do meu curso (1987), assisti a um outro espectáculo do TUT, Cristóvão Colombo, cuja acção se passava nos navios Gil Eanes e Ponta Delgada, ancorados no cais de Alcântara. Outro espaço de representação difícil de esquecer.

No ano seguinte, numa altura em que trabalhava no Centro de Investigação da Escola Superior de Teatro e Cinema, o Professor Jorge Listopad pediu a minha colaboração para a nova peça do TUT: Segismundo na Torre de Belém, segundo A Vida é Sonho de Calderón de la Barca. Ai mergulhei na produção de um espectáculo de teatro que reuniu um grupo notável de colaboradores, os quais durante mais de um mês tornaram a Torre de Belém um lugar de reflexão sobre o barroco.

A Torre de Belém, um novo local mágico para uma nova representação do TUT. Foi um trabalho árduo com uma pequena equipa de produção que se multiplicava por inúmeros afazeres. Abraço aqui os meus queridos colegas Graça Corrêa, Conceição Gonçalves e António Fontinha. Recordo a música de Carlos Zingaro, Concerto para uma torre. Todos os dias, assim que a ponte levadiça se erguia para deixar passar os espectadores, eles eram imediatamente envolvidos por aquela música electroacústica, concretista, gregoriana. Começava aí o encantamento. Durante meses aquela melodia permaneceu dentro de mim.

Naquela torre, num pequeno espaço, todas as noites se desenrolava um ambiente de guerra, de luta pelo poder. Adagas, punhais, capacetes, correntes. Um pano vermelho apanhado do chão escorria o sangue por entre os dedos. Anunciava a única morte, a de Clarín, o inocente.

Tivemos naquele palco tudo o que o encenador ia pedindo, excepto o cavalo, que a Guarda Nacional Republicana não chegou a emprestar.

Mas outros acontecimentos ajudaram a tornar aqueles dias memoráveis. Desde a aparição intempestiva de um grupo de turistas japoneses, impedidos de visitar a torre, que em segundos iluminaram aquelas pedras com disparos de flashes. Ou a noite em que a cena foi interrompida pela entrada de uma senhora, visivelmente perturbada, que queria fazer o seu próprio espectáculo. E como esquecer o momento, no decorrer da actuação do Grupo Coral da Universidade Técnica, dirigido por L. Pedro Faro, em que uma senhora, mulher de um dos cantores, deu à luz um rapaz embalado pela música maneirista.

E foi assim que fiquei presa à magia do TUT, até hoje. Fui vendo alguns dos seus espectáculos no decorrer destes anos, fui seguindo a carreira dos actores que se tornaram profissionais, como o Júlio Martin, o Carlos Pessoa, o Luís Castro, outros. Fui encontrando os que, tendo seguido outras profissões, continuaram ligados ao TUT, como a Helena Simões, o Nuno Cortez, o José Figueiredo, o José Pestana.

E foi com o José Pestana que vi agora o último espectáculo deste grupo, o Meu Tio Jaguar, de João Guimarães Rosa. Foi noutra espaço mítica nos dias de hoje, a Livraria Ler Devagar, agora na Lx Factory. Um monólogo encenado com o rigor, a qualidade e a mestria de Jorge Listopad, e o corpo e a máscara trabalhados ao milímetro pelo actor José Pestana. Uma dupla perfeita. Vinte e três anos depois de ter interpretado o Rei Basílio da peça Segismundo na Torre de Belém, o José Pestana regressou ao teatro. Regressar? Nunca ninguém consegue verdadeiramente sair do teatro.

Longa vida ao TUT!

Longa vida ao Professor Jorge Listopad!

## FORAM POR CERTO BONS MOMENTOS...

NUNO CARINHAS

Foram por certo bons momentos...o tempo é célere e os acontecimentos sucedem-se. E agora somos convocados para a lembrança. Éramos profissionais disponíveis e corríamos por fazer, indo ao encontro de novos projectos. Neste caso, no núcleo TUT, que foi uma outra descoberta - o Teatro Universitário, lugar de curiosidade e paixão por actividade alternativa ao quotidiano formativo num grupo variável de aprendizes, alguns deles já dependentes da prática do Teatro como meio de mundi-vivência. Ao rever imagens de "Doce Inimigo" e "Segismundo na Torre" (de Belém), dou por mim no lugar da eterna juventude, com Vera Castro e Carlos "Zingaro" por perto, na partilha de autorias que já tinha esquecido. Ao lado de Jorge Listopad e Clara Joana, principais responsáveis por estas viagens ficcionais. O Jorge faz noventa gloriosos anos, o TUT faz trinta. Anos que são parte das nossas histórias perecíveis e da ensombrada (posta à sombra) e sumida história (não inscrita), retalhada e pouco consistente a que nos habituámos, mas que existiu. Há um mapa de afectos e complicitades que se foi traçando por dentro de cada qual, convivências efémeras e grandes partilhas voluntárias de construtivas diversidades. Fomos dados à reciclagem, eufemismo de reaproveitamento e colagem, andando caminhos imprevisíveis, cujas etapas se foram assinalando - para mais tarde (agora!) recordar. A imaginação estava no poder e multiplicava-se. Com Listopad, cruzei experiências inesquecíveis e formadoras no Primeiro Acto/Clube de Teatro em Algés, no Teatro Maria Matos, no Centro de Arte Moderna de Madalena Perdigão e no TUT. Entretanto fomos usufruindo do tempo, na partilha de ensaios e refeições baratas e risonhas.

Ainda guardo o vinil de Smetana que um dia me ofertou.

Para todos segue agora um muito obrigado abraço.

## CELEBRAÇÃO COLECTIVA

NUNO CORTEZ

Companheiros, estão todos convocados!

Aquele homem que fazia parte da multidão, no Forum, à espera dos bárbaros, há 30 anos... e continua hoje, à espera que eles cheguem e sejam uma espécie de solução...

O jovem aprendiz de construtor de catedrais, capaz de jurar, contra a maledicência geral, que o seu Mestre Pedro Craon tem a pele sã como a de uma criança...

Valério, filho de um anónimo jardineiro do palácio, amigo de infância e confidente do príncipe Leão, sempre pronto a comer cerejas e a fazer declarações de amor a uma garrafa de vinho (desde que não esteja vazia!)...

Abu Mu'ammad 'Ali ibn A'mad ibn Sa'id ibn 'azm, o poeta árabe, nascido em Córdoba em 994 e autor dos mais belos poemas de amor da Península Ibérica...

O Rei Artur, já velho, pesado e decadente, manietado pelas conspirações da sua Rainha, entretida num jogo sentimental com um cavaleiro violador de rapariguinhas inocentes...

Clarim, o pajem fiel e dedicado da bela Rosaura travestida de cavaleiro, capaz de morrer por ela duas vezes e de se vestir dos restos de todos os outros personagens...

O Bobo da corte que ousa propor ao seu príncipe indeciso e assoberbado por crises existenciais, uma troca de papeis que o coloque a ele no trajecto da bela Gata Borracheira...

O narrador da tragédia de Fedra, capaz até de recitar alguns versos em grego arcaico, para dar um ar de poliglota...

O ciclista ou mecânico de bicicletas ferrugentas, com uma história para contar em forma de pregação no deserto... habitado...

O emigrante português, empregado de mesa no Quartier Latin, capaz de construir caravelas, fazer exercícios topográficos ou recitar os Lusíadas de Camões, sem deixar de pensar na avó, que tinha 98 anos e estava num lar, na sua terrinha, a ouvir os carros de bois chiar...

O misterioso personagem de gola ortopédica, metamorfoseando-se de matemático, médico, contabilista, enquanto faz um triplo salto sobre as máquinas gigantes da Central Tejo...

Antonin Artaud em pessoa, crítico acutilante e cruel da natureza humana, vendo-se e revendo-se na pele do não menos cruel Conde Cenci...

Samuel, o vagabundo cinzento e descalço, que se recusa a calçar as botas que carrega às costas e a compreender este mundo em crise...

O guardião dos livros, com os quais arquitecta a sua Torre de Babel, mas através dos quais resolveu percorrer, equilibrista, o seu percurso de homenagem ao Mestre e Autor...

E ainda outros, um contador de histórias de Orfeu negro, e sujeitos anónimos, à boleia de poemas vários...

E, finalmente, o professor universitário, especialista em solos e frustrado na sua paixão pelos processos erosivos, mas esmerado na sua função didáctica e pedagógica de docência, que resolveu investir parte da sua carreira académica na defesa do teatro, como complemento cultural importante na formação dos estudantes.

Todos presentes, para celebrar os 30 anos do TUT e os 90 do Jorge Listopad!

## A PALAVRA, O ESPAÇO E OS PALCOS DA VIDA NUNCA MAIS FORAM OS MESMOS!

PAULA NANITA

O efeito da palavra e o potencial de cada espaço, foi uma descoberta guiada durante os três anos em que vivenciei a Escola de Teatro da minha Universidade - a Técnica de Lisboa. A consciência do impacto que nós podemos ter nos outros e a mística de cada lugar ensinaram-me a Fazer Acontecer, combinando ciência com arte, propósito com inspiração, razão com emoção.

Foi a aprendizagem de um novo equilíbrio...

Tocámos o psicodrama, o sociodrama, investimos na preparação física, reaprendemos a andar e a respirar, improvisámos, ensaiámos, procurando e descobrindo novos significados. Eunice Muñoz (nos bastidores do "Anúncio feito a Maria" de Paul Claudel, numa co-produção com o TND.Maria), à pergunta de como se "despedir", ao termo de cada peça, da personagem incarnada, disse-nos com simplicidade: "Logo a seguir vem outro desafio e mergulhamos de novo, com a mesma intensidade!".

Tal como nos palcos da vida...os desafios sucedem-se e conservo sempre a mesma capacidade dessa entrega!

Jorge Listopad foi a alma e o mentor. Proporcionou o Espaço de reflexão e de aprendizagem. Conservo em mim os silêncios e interpelações em que nós construímos, os "André Rubliov" que vimos todos juntos, os espaços não convencionais (alguns até aí inúteis) onde fizemos a vida brotar.

Empatia, resiliência, auto-domínio e capacidade de inspirar, são competências emocionais críticas para sobreviver neste século XXI.

Hoje, de voz colocada,

não quero dizer SPA!

Apenas Muito Obrigada!

2001

Gata Borracheira

Segundo a peça homónima de Robert Walser

VERA CASTRO  
(in Memoriam)





## RECORDAR É FODIDO... NOTAS SOLTAS SOBRE A MEMÓRIA!

JOSÉ PESTANA

Quando tou de barriga cheia não gosto de ver gente, não, gosto de lembrar de ninguém, fico com raiva: Parece que eu tenho de falar com a lembrança deles. Quero não. Tou bom tou calado<sup>1</sup>.

Bem gostava de ser como o onceiro... Não sou! Recordo de barriga cheia e barriga vazia.

E lembrando o **TUT**, recordo o meu cavaleiro, aquele que me transformou de velha feia em bela Helena.

Inveja, inveja... Apesar de feia eu tinha dois cavaleiros – um luxo! Alternavam por espectáculo. O João era apaixonado e feroso, o Pedro era tímido (em cena) e recusava sempre o meu beijo transformador. Esquivava-se, beijava-me a face, a testa...

- Como que por acaso a Radar passa "**Pretty in Pink**" dos *The Psychedelic Furs* -1981!

Um sinal!

Os anos 80 foram nossos!

Tínhamos 20 anos, éramos jovens, lindos, inteligentes e tu tiveste a estúpida ideia de morrer jovem!

Apesar do meu belo cavaleiro é como **Cesário** que te lembro. De fato branco, com um sorriso lindo e sincero.

Quando preparávamos o programa do "Leôncio e Lena na Estalagem de Mirandolina" escolhi, para a folha de rosto, um fragmento do T.S. Elliot, dos "Quatro Quartetos".

Ele continua espantosamente real e presente

**"O que podia ter sido é uma abstracção .../...**

**O tempo passado e o tempo futuro**

**O que podia ter sido e o que foi**

**Tendem para um só fim, que é sempre presente".**

Não escrevi sobre o trabalho dramaturgico que realizei com o Listopad e o Alexandre.

Não escrevi sobre a tradução do **Colombo**.

Outros escreverão melhor sobre tudo isso!

Um beijo bárbaro a todos.

## TALVEZ O ACTOR NOS MOSTRE...

ANA RITA CABRAL DE MATOS

1995, tarde de Primavera. Descíamos a Avenida D. Carlos I, sobre um tapete lilás de flores de jacarandá, em direcção ao Teatro Cinearte, onde, por alguns dias, se chegava à cidade de Ujitsé ou Ujitsé, como lhe chamava a tradução francesa do texto de Lioubomir Simovitch, base do nosso trabalho.

Ujitsé ficava na Sérvia, então ocupada pela Alemanha nazi, junto ao rio Detinja, com o seu cheiro a melancia - Já repararam como fica próximo? Junto a este, a primeira central eléctrica da Sérvia, anunciando o carácter industrial da cidade.

Acelerávamos o passo, pois eu tinha ainda de ir preparar uma abóbora para servir aos actores que ficariam alojados em minha casa essa noite. Eram os actores do Teatro Ambulante Chopalovich, companhia dirigida pelo Sr. Vassili Chopalovich, que vinha à cidade representar Schiller: Os salteadores, para um público de mulheres operárias e de uns poucos homens que a guerra não havia levado da cidade ocupada.

Já no teatro - no velho Cinearte que tantas vezes, depois, nos voltou a acolher - subi, sozinha, as escadas que acediam ao palco para, na penumbra, preparar tudo para a chegada da companhia do Sr. Vassili: as malas, a abóbora, os talheres de alpaca da minha avó (os de prata guardava em casa da vizinha, porque, com estes actores nunca se sabe!), a corda da roupa, o pão embrulhado em papel pardo para o final... Tudo a postos atrás da cortina.

Ao cair da noite, lá em baixo, no bar, começava a sentir-se alguma tensão. Na praça principal de Ujitsé, os actores anunciavam o seu espectáculo face a uma multidão de mulheres enraivecidas, pois a situação era de guerra, havia fome e opressão e eles... fazem teatro?

Mais tarde, a bela Sophie, jovem actriz da companhia, explicar-me-ia porquê, com a sua vizinha coquete, a mesma voz que iria iluminar a visão turva do Carrasco, o Triturador. Como se não fosse nada, dizia: talvez o actor nos mostre porque é que vale a pena que o homem se alimente e sobreviva.

Eu, jovem viúva escondida da guerra, não entendia lá muito bem. Nós, mêninos de vinte anos, com sessenta anos passados sobre o fim da Guerra, perante uma Jugoslávia sob fogo outra vez, acompanhados por um Mestre, que vinha daquele tempo e daquela Europa, compreendíamos a importância de fazer Teatro, dizia o Mestre - mas isso passa. Passou?

## ATOPIA

MANUEL VIEIRA

Quantas vezes acordo e não sei em que língua falar?

Será por olharmos e não vermos? Vislumbramos, deslumbrados?

No entanto, sem hesitações andamos. Andamos porque o caminho se faz andando. Nessa vereda cujas folhas caídas dirigem, sem dirigir, a marcha. Sem direcção definida ou pré-definida, nesse caminho sem finitude, verso utopia. Como Fernando Birri apontou, a utopia serve para caminharmos.

Se caminhamos para a utopia, o caminho é essa atopia onde crescemos. Todos, tutti Dino Buzzati dixit. Onde estamos? Não sei, mas neste topos sem topo, mas com chapéu, alguém questiona-nos, com uma pergunta tão bem perguntada, em que direcção vai o cavalo branco que vemos na tela. E vemo-lo, branco e alado, como são os cavalos brancos e alados que nos levam nesse caminho. Tão artificiais como as aves do paraíso. Paraíso ligado, religado, a partir dessa capela palaciana das acafatadas da rainha, agora de Centeno, centenária. Arquivada. Reformulada.

Num clarão quântico, um grito. Recém-nado, natante, mas não superficial. Deambulamos como um teatro em guerra. Sem a barraca, contudo nela, descansamos em Ujice com as suas casas de cartão e os seus bandidos românticos.

E seguimos, gentilmente corridos da casa original, sem pecado. Ou talvez sim. Ficamos expostos, tal meninos da roda. Feira cabisbaixa, meu remorso, meu remorso de todos nós... Saudades do Alexandre O'Neill.

Rondamos, procuramos mais uma vez trilhar esse caminho nos idos de novembro, que os de março não são de confiança. Diz-se de novembro que é frio, mas encontramos nele o barralho que nos alucina, desde um sanatório refúgio, com imagens caleidoscópicas de Weimar.

Proseguimos sem saber em que língua falar. Procuramos pelo arquitecto da torre de Babel nas torres de energia à beira Tejo. E também à beira Isère onde todas as línguas do mundo se juntaram para habitar um deserto, talvez pintado por Yves Tanguy. Nesse deserto, ao som encantatório de um dueto de trompete e ocarina, Judas reencontrou-se no figueiral que, agora, incensa mais - como um turíbulo místico na noite. Na fronteira do deserto encontramos um encantador de cavalos enfeitado pelos caprichos de deusas embalsamadas. Não nos liga nenhuma. Ficamos pela primeira impressão. Soube a pouco.

Sentamo-nos num bar do Quartier Latin. Só. Um quarto de século. Nada de balanços. A santa mantém-se sobre o andar por maiores que sejam as vagas daquela ode. Nada de balanços. Tudo em avanços. Sentimos. Pressentimos. Repartimos e re-partimos nesse salto a três tempos, enquanto olhamos a fronteira e os Tártaros não vêm. Mas vemos esse príncipe que faz contas à vida e vida dos contos.

A vida é uma estafeta, com as suas passagens, transmissões e legados. Que testemunho nos legou aquele príncipe? Legou e ligou. Esse testemunho de que somos testemunhas oculares e sensoriais. Testemunho de novembro a julho. Não, não se recuou. Continuou-se a andar - a utopia ainda se encontra no horizonte. A atopia mantém a ausência de formas.

Numa transmissão de testemunho, procurou-se voltar ao ente cru, num reencontro com a essência primordial do homem como comunicador. Onde? Num palácio de monstros. Com quem? Antonin Artaud fez-nos companhia. De seguida foram servidos pequenos venenos, indispensáveis ao recobro. Trágicos na coincidência. Caso existam coincidências, isto porque o teatro pode ser maior que a vida.

Proseguimos. Por terras de uma Europa central. Onde as folhas caídas desenham o chão de uma história de todos nós e nos contam histórias de cada um. Onde esses irmãos Čapek mostram a nossa real dimensão com palavras primeiras e reflectidas, num espelho expandindo o nosso reflexo.

Continuamos. À procura das palavras que lavram. Das palavras semente. Que não mentem. Nessa língua que não reconhecemos mas que compreendemos. Aprendendo a ver, olhando. Com o olhar posto no horizonte, queremos continuar. Acordados. Deslumbrados. Atentos. Atenciosos.

Acordamos em sonhar.

Acordo para sonhar.

2004

**Deserto Habitado**

A partir de textos de António Patrício, Almada Negreiros, St-Exupéry, Ramiro Osório, Dino Buzzati e Jorge Listopad

1994

**O Teatro Ambulante Chopalovich**

Segundo a peça homónima de Lioubomir Simovitch





## A MINHA MEMÓRIA

HELENA SIMÕES

A minha memória, não posso falar da de outrem, a minha memória é sempre uma imagem: a memória de um lugar. De facto, são os lugares que guardam as nossas memórias e por isso lhes pertencemos. Assinalo o ano: 1981.

A minha memória, não posso falar da de outrem, a minha memória do TUT é o Palácio Centeno. Mais concretamente a capela do palácio. Deixem-me guiar-vos. Entramos por um portão, o número 1 da Alameda de Santo António dos Capuchos; no pátio ajardinado já sabemos que o mundo ficou lá fora. Estamos perto da porta principal, imponente e pesada em madeira. Passamos a porta: no átrio imponente e marmóreo espera-nos uma escadaria central para subir e para descer na tapeçaria vermelha. Não ousamos ultrapassar a zona central e escolhemos a porta da direita, outra porta de madeira. Abrimos o trinco, empurramos a porta e entramos na capela. Em mármore, igualmente, um espaço rectangular, amplo, duas janelas rasgadas para o pátio.

Para aceder à zona do altar em meio círculo desenhado, subimos três degraus. Janelas do mesmo lado, meio encobertas pela vegetação.

Agora caminhamos mais lentamente, porque chegámos ao lugar do ritual, dos encontros às segundas e quintas. O lugar nobre do espírito: das teorias, descobertas, exercícios de imaginação e de efabulação; embaixo, uma geometria mais rectangular propicia a tomada de consciência do corpo e da voz afinal parte de nós.

Sentamo-nos em semi-círculo por força da arquitectura, sob luzes bruxuleantes dos apliques de parede. De fora chegavam ruídos do fim de tarde de uma cidade: vozes, buzinas e trânsito, e as ambulâncias para o hospital ali ao lado. Tudo filtrado pelas paredes do palácio e pela vegetação. Portas lacadas e ornamentadas com talha dourada, puxadores de punho em vidro martelado.

O número um iniciático, a capela e o altar ritualizado, a pedra nobre e rosa, tudo conspirava para que se inventasse um outro mundo, mais real do que aquele cujo rumor ténue ficava lá fora. Com naturalidade, sem concorrência, aprendemos que os mundos são paralelos, criados por nós e que a vida é para se viver, várias vidas no mesmo tempo.

Tempos vários nos visitaram, através de autores que apareciam para se reinventarem. Esperávamos os Bárbaros? Como no primeiro exercício teatral com Kafafys?

Büchner chegou com os príncipes Leão e Lena da Alemanha fria, mas logo se dispôs a partilhar o seu enlevo com o mágico Goldoni. E foi assim que pela primeira vez passámos a fronteira e descemos as escadas até ao jardim misterioso e gentil, onde o calor de Itália concebia os casamentos.

Já antes, sempre na capela, assistíramos à criação da Violaine por Manuela de Freitas e de como a transfiguração se oferecia aos nossos sentidos. Claudel no seu elemento.

Aí ensaiámos longamente e sem pressas a Calderón da *Vida é Sonho* que afinal pedia outra pedra, a da Torre de Belém, para se fazer apresentar em trinta extraordinários espectáculos. Vinhamos então aos sábados para provar os maravilhosos figurinos da Vera (Castro) e do Nuno (Carinhas).

Mesmo quando saíamos do "nosso" palácio, a referência do teatro era a capela. A liberdade de tempo e lugar, o rigor do mármore, a reverência do ritual.

Se tivesse de eleger um trabalho do TUT, símbolo de seu labor, seria *Orfeu, dizem negro*. Um espantoso fresco de poesia da lusofonia, uma dança a vários tempos vestida de preto, vestida de branco, objectos sumptuosos do Museu de Etnologia e o linóleo preto da Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna.

Dedico esta memória a todos os que passaram e a todos os que ainda vão passar pelo TUT. E aos quatro fatores deste projecto: o "nosso reitor" Arantes e Oliveira, o "nosso director" Jorge Listopad, a "nossa cantora" Dulce Cabrita e à rainha D. Catarina de Bragança, que de regresso a Portugal após a morte, em 1685, de seu marido, Carlos II de Inglaterra, mandou construir este palácio para as suas aias.

## A ARTEIRICE DO DRAMA

CATARINA SEVERINO

Foram meses em que, pela mão do Vieira, nos dedicámos à consciência do corpo e à potencialidade da voz. Foram inúmeros os tendões descobertos assim como flexibilidades de língua das quais não sonhei a existência. Foi um bom período, mas crescia-me a ansiedade, a vontade de aplicar o que me tinha sido ensinado num projecto concreto e contínuo. Todas as semanas me interrogava sobre quando iríamos começar a ensaiar. E, mais importante, ensaiar o quê?

Recordo-me de quando chegou a altura de escolher uma peça. Antes de mais, tínhamos que adoptar um estilo, mas qual? Enquanto esta pergunta ecoava na sala vinham-me à mente ideias de um Hamlet, de uma Tragédia, do Drama, Teatro, o verdadeiro Teatro, é Drama, é um amor impossível, traição, sofrimento e moralidade em tons de épico e de erudito. Assim pensava eu e a restante sala, como se confirmou pela votação que se seguiu.

O Júlio, intrigado com esta nossa aparentemente cimentada certeza, perguntou à sala: o que é para vocês o Drama?

Com isto quis sublinhar que o teatro não tem que ser dramático, que a seriedade da sua mensagem não depende disso, que pode pender para outros planos como, por exemplo, a Comédia.

Raciocínio que, tomando a tradição grega, nos parece óbvio. São dois lados da mesma moeda, a Comédia e a Tragédia, ainda que o limite entre o que é Comédia e o que é Tragédia se tenha esbatido, isto é, uma Comédia trágica não é nenhum monstro, assim como não o é uma Tragédia cómica. Contudo, estes dois tipos são, invariavelmente, Comédia que tende a apoderar-se das restantes componentes de uma peça. A questão da credibilidade do que é dito tem muito peso na consideração entre Comédia e Tragédia. Como pode ser sério o que se diz para fazer rir? É um raciocínio lógico, mas que oblitera muitas variáveis. Para nós, ávidos de tomar um texto interessante e repleto de significado, o Drama afigurou-se uma escolha óbvia. Daí a importância do reparo do Júlio a esta linha de pensamento.

A Comédia, um estilo tão mais leve, tão mais comunicativo, tão menos egoísta. Não que seja mais fácil fazer um público rir do que chorar, porque não é. Mas a mensagem, a mensagem do texto, é bem mais facilmente transmitida sem, contudo, ser gratuita. É-o com prazer, com alegria, em místicas de sátira e ironia, porque pode, pela simples razão de que a comédia permite que o mais sério dos assuntos seja levado a todos, inclusive a quem de princípio não estaria interessado em saber dele.

Esta é uma das recordações que trago deste ano que passou no TUT.

É isto que, depois da Comédia que ensaiamos e exibimos, me vem ao pensamento.

## TUT

LÍDIA BRANCO

Foi há muitos anos, a primeira vez.

Na sala de ensaios, numa capela fora de uso.

No primeiro dia: uma cena de amor.

No lusco-fusco e sentados no altar, a ouvirmos a bela Sophie a enumerar, à beira rio, nomes de plantinhas medicinais a um carrasco.

Nunca mais deixei o TUT.

Aprendi, nos primeiros dias, a andar, simplesmente. E mais tarde a falar, como uma criança faz. Igualzinho.

O meu primeiro papel não tinha nome.

Fazia parte de um grupo de mulheres anónimas de Uzíce durante a segunda guerra mundial.

E que mulheres! Aprendi a beleza de ser anónima.

Os anos foram passando, as imagens do primeiro dia foram-se multiplicando todos os dias de todos os ensaios. Uma imagem bela surgia entre duas imagens igualmente belas. Talvez, um dom do encenador.

Para quem quiser participar, aviso que, durante os ensaios:

Vive-se na aldeia de Uzíce, na cidade de Terzena, no Hotel Savoy algures na Europa, nas páginas de um conto infantil, ou nas três sílabas de Portugal,

Come-se abóbora, partilha-se um banquete com Sancho, amassa-se o pão, fuma-se e bebe-se,

Há actores dentro do teatro, e dentro dos actores outros actores,

Deve-se ter atenção à perigosa polícia política que engole documentos não convenientes ao desempenho da propaganda,

Ouvm-se as abelhinhas a zumbir nos ouvidos,

Sente-se o cheiro das botas de um oficial, mas luta-se com uma espada de madeira,

Usam-se vestidos brancos com flores vermelhas no cabelo,

Lêem-se os bilhetes dos meninos expostos,

Carrega-se o fardo e é-se morto e prova-se como a justiça está do lado do "comerciante",

É-se burro para logo ser-se governador, vive-se em Portugal, onde toca o sino da igreja da matriz

(onde edificar Portugal futuro?),

Pintam-se unhas com verniz de verdade,

caminha-se sem um sapato,

Espalham-se pétalas de rosa nos palcos, dança-se em cabarés numa Europa pós-guerra,

Vê-se o palhaço triste morrer, e um homem a sonhar com os números da lotaria,

anda-se de elevador, é-se vigiado pelo "porteiro" para a manutenção da ordem pública,

Morre-se de amor por Hipólito por causa de Afrodite e atiram-se carações para o rio,

Amam-se os textos e a voz e o corpo que saem deles.

Bom TUT para todos.

1985

**Orfeu Dizem Negro...**

Dramatização de Poesia Africana de Expressão Portuguesa

2002

Quem foi o Arquitecto da Torre de Babel?

A partir de textos de St-Exupéry, George Steiner e Jorge Listopad

## E MAIS UMA VEZ SURTIU A VIDA

LUIS MESQUITA

E mais uma vez surgiu a vida. E de maneira simples, com muita gente, a brincar. Foi constatar que o teatro só pode ser uma boa brincadeira, ou aquele divertimento/prazer, como quando uma criança experimenta o sabor do algodão doce, pela primeira vez, numa feira. Neste caso aconteceu num palácio, burguês de gosto muito duvidoso, mas com um teatro, e um jardim lindo. E um grupo de pessoas dispostas a brincar. Que gente rica, a jogar ao teatro fora de horas (as das aulas), para fazerem um grande jogo. O primeiro, que joguei com eles, propus que chovesse em cena, e assim foi, todos de guarda-chuva para se protegerem de alguma regra fora do jogo. Na Comédia de insectos, mais uma vez senti o mesmo prazer, o de voltar a ver aquelas pessoas que se dispõem a brincar. A peça também o pedia, que eu os protegesse/vestisse. e assim surge o Francisco com uma gabardina e chapéu branco (qual anjo!), e mais ninguém.

Porque todos, no jogo que fizemos, pela sua incrível disponibilidade, humildade, bondade, entrega, força, criatividade e acreditar que se pode fazer chover num palco, o meu grande obrigado.

## TUT 30 ANOS

MARGARIDA OLIVEIRA

Foi interessante a forma como fiquei a saber que este grupo existia. Em Julho de 2009 estava a trabalhar no Museu Nacional de História Natural em Lisboa num campo de férias. Na primeira semana de trabalho a Coordenadora colocou-me a trabalhar com o Francisco Branco. Conhecemo-nos e no final desse dia já ele me falava do TUT, achei tão interessante que dormi sobre o assunto e no dia seguinte perguntei-lhe mais pormenores porque estava decidida a ir até ao Palácio de Burnay e fazer parte do TUT. É muito interessante perceber que muitos gestos, atitudes e acima de tudo vontades estão escondidas dentro de nós e só as desvendamos quando há algo que as faz despertar. O equilíbrio que existe dentro de nós, às vezes necessita de ser agitado para despertarmos e darmos importância a novas palavras, acções, vontades.

### A voz e a expressão corporal enquanto instrumento de trabalho

Quando entrei para o TUT dei a palavra a novas vozes e deixei que elas entrassem dentro do meu espírito... Aprendi imensas coisas em cada dia! Conheci pessoas novas, dediquei-me a várias experiências e enriqueci-me internamente. Houve sempre a partilha de momentos e emoções. Descobri que há pessoas fantásticas no TUT, todos tão diferentes mas interessantes! Participar na Peça: "Venenos indispensáveis" (2010) foi um dos momentos mais felizes que vivi até hoje...ultrapassei-me a mim mesma! Fiz Amigos e recordei cada momento de felicidade que passei no TUT - tenho saudades!

Um beijinho grande e um abraço a todos!

## ESTES GRUPOS QUE VAMOS MANTENDO

NUNO AUGUSTO

Ao longo da nossa vida somos inseridos em grupos e visto que como criaturas relacionais gostamos que nos insiram em lugares onde possamos estar frente-a-frente a outras pessoas. O primeiro grupo no qual sou inserido parte é a nossa família que apesar não a podemos escolher serve de base para o que nos iremos tornar. Num processo seguinte somos nós que vamos à procura de grupos onde nos consigamos enquadrar. Um desses é o TUT que surgiu na minha vida no momento exacto, talvez se tivesse surgido um pouco antes ou depois não teria tido o impacto que teve na minha vida.

Estes grupos que vamos mantendo ao longo da vida, na minha perspectiva, funcionam como uma família personalizada, devido ao facto que somos nós que escolhemos se queremos fazer parte dessa família ou não e o TUT é um grupo ao qual tenho prazer de pertencer. Quem já passou ou faz parte do grupo sabe do que estou a falar, visto que o TUT é algo que não deixa ninguém indiferente, quer seja pelo sorriso com que somos recebidos ou pelo carinho com que somos tratados.

Além disso e como qualquer boa família há uma passagem de valores e uma partilha de experiências que contribuem para o nosso desenvolvimento como seres humanos. Graças a tudo o que tenho aprendido no TUT sinto que cresci como indivíduo e que adquiri competências que tinha mas eram deficitárias, assim como, ter mais à vontade para falar para um público e corrigir coisas tão simples como a nossa postura que pode parecer que não é muito importante mas se apresentarmos uma boa postura somos capazes de sentir um outro nível de confiança.

Apesar de ser ainda um novato no grupo desejo poder continuar por muito mais tempo a partilhar experiências e bons momentos com todos os que fizeram, fazem e quiserem fazer parte desta bela família.

## RESPIRAR, EXTRAIR, PROCURAR...

PEDRO PRAZERES

Respirar, extrair, procurar, fazer, ser, estar, perceber o momento, agir o momento, transformar o momento. Perceber os imensos "eus" dentro do meu eu e viver com eles um mundo paralelo, real e de sonho ao mesmo tempo, embora não haja tempo, o tempo é relativo à acção. Amizade, partilha, riso. Imensa sabedoria e experiência - tanto para aprender :). Esta é a memória e o desafio que o TUT me deixou. Continuo esse desafio pelos meandros da minha história. Trago comigo a experiência por onde passei e o sabor, o cheiro e a textura da Grande Sala da Biblioteca do ISA e de todos os sítios onde actuámos. Um brinde ao TUT e aos seus 30 anos. Um brinde a todos os meus colegas e amigos com quem partilhei o tempo, o lugar e a acção.

Um abraço a todos com carinho e um muito especial a Jorge Listopad, directo de uma das suas cidades - Praga.

## LISTOPAD, A VIDA CONTINUA A SER SONHO, NÃO É?

PEDRO SOARES

Listopad, a vida continua a ser sonho, não é? o sonho do teatro, que se esgueira, que se intromete pela vida dentro, pela vida fora; soube agora que Paris foi para si, pária sem papeis nem profissão, l'âge d'homme, o entendimento das coisas...Comigo também, vinte e tal anos depois. O Michel Leiris não sabia como é que o Pai Natal fazia passar os presentes pela chaminé. Não cabiam. Enigma. Convenceu-se depois que Deus omnipotente os fazia aparecer no exacto local onde estavam. Olhe, quero dizer-lhe mais isto: um dia em Praga fui com a minha companheira à Gare Central, andei com ela longe pelo cais. Foi no silêncio profundo que quase ouvimos os sons do comboio dos deportados. Não me esqueço.

Olhe lá, Listopad "novembro" coelho, - Praga, Paris, Lisboa - ainda continua a sonhar?

2004

### Deserto Habitado

A partir de textos de António Patrício, Almada Negreiros, St-Exupéry, Ramiro Osório, Dino Buzatti e Jorge Listopad

1994

### O Teatro Ambulante Chopalovitch

Segundo a peça homónima de Lioubomir Simovitch





AFONSO PEREIRA	CLARA RODRIGUES	JOANA LÉRIAS	MANUEL JOÃO VIEIRA	PEDRO SENA NUNES
AGOSTINHO GONÇALVES	CLARA SOUSA	JOANA LOPES	MANUEL VIEIRA	PEDRO SOARES
ALDA SALAVISA	CLÁUDIA GIGANTE	JOANA MATOS	MANUELA ANDRADE	PEDRO VASCONCELOS
ALEXANDRA COSTA	CLÁUDIA NUNES	JOANA PÁScoa	MANUELA LAGEIRO	PRISCILA ALEXANDRE
ALEXANDRE LEITÃO	CONCEIÇÃO GONÇALVES	JOANA SANTARENO	MARGARIDA CARDOSO	RAQUEL CHILOVO
ALEXANDRE VIEIRA	CRISTINA DUARTE	JOÃO AFONSO	MARGARIDA DE ABREU	RAQUEL COIMBRA
ALEX FIGUEIREDO	CRISTINA PEDRO	JOÃO B. PIRES	MARGARIDA OLIVEIRA	RAQUEL JORGE
ANA CRISTINA BOUCHO	CRISTINA PONTINHA	JOÃO CONTE FERNANDES	MARIA AMÉLIA RIBEIRO	RAQUEL MELO
ANA CRISTINA CUSTÓDIO	DANIEL PEREIRA	JOÃO DE ALMEIDA	MARIA DUARTE	RENATA GOMES
ANA ISABEL NUNES	DÁRIO ROCHA NETO	JOÃO GENS	MARIA FREITAS	RENATO MORAIS
ANA LIMPINHO	DAVID ROCHA	JOÃO LUÍS SIMÕES	MARIA HELENA SIMÕES	RICARDO CASÇÃO
ANA MAFALDA FREITAS	DÉBORA CARVALHO	JOÃO LUÍS SILVA	MARIA JOÃO MENDES	RICARDO JORGE
ANA MARGARIDA SANMARFUL	DÉBORA QUARESMA	JOÃO NABAIS	MARIA JORGE CALDEIRA	RICARDO VARANDAS GOMES
ANA NUNES	DÉBORA SANTOS	JOÃO NOGUEIRA	MARIA JOSÉ CAPELO	RITTA GUERREIRO
ANA RITA BERNARDO ROSA	DIANA BAPTISTA	JOÃO NUNES	MARIANA PORTUGAL	ROGÉRIO ZAMBUJAL
ANA RITA MATOS	DIOGO CAMARINHA	JOÃO ORNELAS	MARIANA YUAN	ROSA PINTO MOTA
ANA SILVA E SOUSA	CONSCIÊNCIA	JOÃO PINHEIRO	MARINA FÉLIX	ROSA VELOSO
ANA TALAGÃO	DIOGO CONSCIÊNCIA	JOÃO SIMÕES	MARILIA SOUSA	ROSÁRIO PRAÇA
ANA TANG	DORA CARVALHO	JOÃO VIEIRA	MÁRIO COBRAS	ROBIN FLOR
ANA TORRES	DORA PACHECO	JOAQUIM CARVALHO	MIGUEL CINTRA	RUBEN SANTOS
ANA VIOLETA	DULCE CABRITA	JOAQUINA GARCIA	MIGUEL DE ALCOBIA	RUI COSTA
ANDRÉ FONSECA	EDUARDA MEDEIROS	JORGE GABRIEL	MIGUEL HONRADO	RUI RISONA
ANDREA GONÇALVES	EISA FREITAS	JORGE LIMA BARRETO	MÓNICA TALINA	SALOMÉ LAMAS
ANDREA NICOLAU GONÇALVES	ELSA GIGA	JORGE LISTOPAD	MÓNICA TRUNING	SANDRA PEREIRA
ANGELA BÁRIO	ELSA PEGADO	JOSÉ ARTUR PESTANA	NATÁLIA DE MATOS	SARA FRANQUEIRA
ANTÓNIO CASIMIRO	EMA MENDES	JOSÉ BORGES	NATÁLIA DE MATOS	SARA NUNES
ANTÓNIO COSTA	EMÍLIA URWINTEA	JOSE LUIS LOPES	NATACHA PALHARES	SÍLVIA GOUVEIA
ANTÓNIO FONTINHA	FELIZ MIL-HOMENS	JOSE PEDRO ANDRADE	NITA ANTUNES	SOFIA PARENTE
ANTÓNIO MIGUEL GADANHO	FERNANDA FERREIRA	JOSÉ CARLOS NASCIMENTO	NUNO AUGUSTO	SOFIA SCHELTINGA
ANTÓNIO MIGUÉNS	FILIPA ZACARIAS	JOSÉ DIAS	NUNO CARDOSO	SOFIA VILARINHO
ANTÓNIO MONTEIRO	FRANCISCO BRANCO	JOSÉ ESPADA	NUNO CARINHAS	SOFIA VIVEIROS
ANTÓNIO VALARINHO	FREDERICO MESQUITA	JOSÉ FIGUEIREDO	NUNO CORTEZ	SUSANA PEREIRA
ANTÓNIO VITORINO ROCHA	GABRIELA FIGUEIREDO	JOSÉ PEDRO CAIADO	NUNO REIS	SUSANA VALENTE
ARMINDA MOISÉS COELHO	GABRIELA MELO	JOSÉ PESTANA	NUNO ROCHA	TÂNIA SOARES
ARTUR PESTANA	GERALDINA LETRAS	JÚLIA CAROLINO	NUNO SAMPAIO	TERESA AFONSO
AUGUSTO CABRITA	GISELA CANAMERO	JÚLIO MARTÍN DA FONSECA	ÓSCAR GRAVE	TERESA BORGES
AUGUSTUS	GONÇALO F. DE CARVALHO	KATARZYNA PEREIRA	ÓSCAR JOAQUIM	TERESA CAMEIRA
BEATRIZ PINHEIRO	GONÇALO FRANÇA	LAURA GIRÃO	PATRÍCIA GONÇALVES	TERESA MOURATO
BEATRIZ PORTUGAL	GRAÇA CORRÊA	LÍDIA BRANCO	PATRÍCIA MARAVILHA	TERESA RIBEIRINHO
BERNARDO GAMA	GUILHERME FRAZÃO	LINA ALMEIDA	PAULA ALEXANDRA	TIAGO BARBOSA
BRUNO TELES	HELENA REIS	LORENA MONTEIRO	PAULA BETTENCOURT ARAÚJO	TIAGO SIMÕES
CARLA FERREIRA	HELENA SIMÕES	LOURDES RODRIGUES	PAULA CARDOSO	TIBÉRIA ROSA
CARLA VINAGRE	HILDA TEÓFILO	LÚCIA COSTA	PAULA JACINTO	TOMÁS FIGUEIREDO
CARLOS DUARTE	HUGO GRÁCIO	LUÍS CASTRO	PAULA LIMA	TOMAS TAVEIRA
CARLOS GUERREIRO	INÊS ROQUE	LUÍS COSTA	PAULA MARTINS	VALENTIM LEMOS
CARLOS JORGE PESSOA	INÊS SIMÕES	LUÍS D'ALMEIDA	PAULA MASSANO	VERA CASTRO
CARLOS ZÍNGARO	ISABEL NORBERTO	LUÍS ESTEVES	PAULA SILVA	VERA MARIZ
CATARINA EITECETER	ISABEL PERES	LUÍS LANÇA	PAULA SOARES	VERA PAZ
CATARINA MANTEIGAS	ISABEL PRAÇA	LUÍS MESQUITA	PAULO CARDOSO	VERÓNICA FERNANDES
CATARINA SEVERINO	ISABEL SIMÕES	LUÍS OLIVEIRA	PAULO SIMÕES	VICTOR HENRIQUES
CATARINA TROTAS	ISABEL TOMAIS ESTEVES	LUÍS SILVA	PAULO LAGE	VICTOR RUA
CATIA CARVALHO	JAIME MATEUS	LUÍS VARELA	PEDRO CUSTÓDIO	VIOLETA GIRÃO
CÉU RICARDO	JOANA BARATA	MAFALDA BORGES COELHO	PEDRO PAIVA	WANDA RIBEIRO SILVA
CLARA JOANA	JOANA GONÇALVES	MAGDA GONÇALVES	PEDRO PRAZERES	ZÉ PEDRO

TUTEANOS 30 ANOS 1981>2011



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN